

LIVRO IX

POTÊNCIA E ATO

- [LIÇÃO 1 - A Divisão da Potência em Ativa e Passiva. A Natureza da Incapacidade e Privação](#)
- [LIÇÃO 2 - Potências Racionais e Irracionais](#)
- [LIÇÃO 3 - Rejeição da Visão de que Uma Coisa Tem Potência Apenas Quando Está Agindo. Rejeição da Visão de que Todas as Coisas São Possíveis](#)
- [LIÇÃO 4 - A Prioridade Relativa da Atualidade e da Potência. A Redução das Potências Naturais à Atualidade](#)
- [LIÇÃO 5 - Atualidade e Seus Vários Significados](#)
- [LIÇÃO 6 - A Matéria é Potencial Quando Definitivamente Disposta para a Atualidade. O Uso do Termo Matéria em Sentido Amplo](#)
- [LIÇÃO 7 - A Prioridade Conceitual e Temporal do Ato em Relação à Potência e Vice-Versa](#)
- [LIÇÃO 8 - Prioridade da Atualidade sobre a Potência na Substância](#)
- [LIÇÃO 9 - A Prioridade Substancial da Atualidade nas Coisas Incorrutíveis](#)
- [LIÇÃO 10 - A Excelência Relativa da Atualidade e da Potência](#)
- [LIÇÃO 11 - A Referência da Verdade e da Falsidade à Atualidade. A Exclusão da Falsidade das Coisas Simples e Eternas](#)
- [Resumo](#)

LIÇÃO I - A Divisão da Potência em Ativa e Passiva. A Natureza da Incapacidade e Privação

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 1045b 27-1046a 35

“ 742. *Tratamos então do primeiro gênero de ser e daquele ao qual todas as outras categorias de ser se referem, a saber, a substância. Pois é em referência ao conceito de substância que as outras categorias são chamadas de seres, i.e., quantidade, qualidade e outras que são assim denominadas; pois todas envolvem o conceito de substância, como dissemos em nossas primeiras discussões (562). E uma vez que "ser" é usado num sentido para a quiddidade, quantidade ou qualidade, e noutro sentido para potência e ato e atividade, estabeleçamos agora a verdade sobre potência e ato. E primeiro consideremos a potência no sentido mais próprio do termo, embora não o mais útil para nosso propósito atual; pois potência e ato são encontrados em mais coisas do que aquelas que se referem meramente ao movimento. Mas quando tivermos falado sobre este sentido de potência, em nossas discussões sobre o ato, explicaremos também os outros sentidos de potência.*

743. *Que os termos potência e poder são usados em muitos sentidos, já tornamos evidente em outra parte (467). E todos aqueles sentidos de potência que são equívocos podem ser descartados; pois alguns sentidos de potência [ou poder] são meramente figurados, como em geometria. E dizemos que as coisas são possíveis ou impossíveis porque elas são ou não são de algum modo particular. Mas todas aquelas potências pertencentes à mesma espécie são princípios e são referidas a um primeiro gênero de potência, que é o princípio de mudança noutra coisa enquanto outra. Pois um tipo é uma potência para ser afetado, que está no paciente e é o princípio de ser passivamente movido por outro enquanto outro; e outro tipo de potência é o estado de insuscetibilidade à mudança para pior e à corrupção por alguma outra coisa enquanto outra, i.e., por um princípio de mudança. E o caráter inteligível do primeiro tipo de potência*

é encontrado em todos esses termos. Além disso, essas potências são ditas potências ou apenas para agir ou para ser afetado, ou para agir ou ser afetado bem, de modo que nestes últimos tipos de potência as notas do tipo anterior estão de algum modo presentes.

744. É evidente, então, que num sentido a potência para agir e para ser afetado são uma só; pois uma coisa é potencial tanto porque ela mesma tem a potência para ser afetada, quanto porque outra coisa pode ser afetada por ela. E noutro sentido essas potências são diferentes; pois uma está no paciente, uma vez que é porque tem um princípio, e porque a matéria é um princípio, que o paciente é afetado e mudado por outra coisa. Pois o que é oleoso é capaz de ser queimado, e o que é maleável de algum modo é capaz de ser quebrado (e o suposto é capaz de ser expresso);¹ e o mesmo é verdadeiro em outros casos. E outro tipo de potência está no agente, como a potência para aquecer e a potência para construir — a primeira na coisa capaz de aquecer, e a última na pessoa capaz de construir. Portanto, na medida em que uma coisa é por natureza una, ela não pode ser afetada por si mesma; pois é uma coisa e não também outra.

745. E incapacidade ou impossibilidade é a privação contrária a tal potência, de modo que toda potência e incapacidade pertencem ao mesmo sujeito e se referem ao mesmo atributo. E há vários tipos de privação; pois há um tipo de privação quando uma coisa não tem algum atributo que é naturalmente disposta a ter, ou em geral, ou quando é naturalmente disposta a tê-lo. E isso é assim ou de um modo particular, por exemplo, completamente, ou mesmo de qualquer modo que seja. E em alguns casos, se as coisas são naturalmente dispostas a ter algum atributo e não o têm como resultado de força, dizemos que são privadas dele.

COMENTÁRIO

Diferentes tipos de potência

1768. Tendo estabelecido a verdade sobre o ser enquanto dividido nas dez categorias, o objetivo do Filósofo aqui é estabelecer a verdade sobre o ser enquanto dividido em potência e ato. Isto se divide em duas partes. Na primeira, ele liga esta discussão com a anterior e explica o que pretende fazer neste livro. Na segunda (1773), ele executa seu plano anunciado.

Ele aponta, primeiro, que já discutiu acima o primeiro gênero de ser ao qual todas as outras categorias de ser se referem, a saber, a substância. E explica que todas as outras categorias se referem à substância como o primeiro gênero de ser, porque todos os outros seres — quantidade, qualidade e similares — envolvem o conceito de substância. Pois o ser é dito da quantidade porque é a medida da substância; e da qualidade porque é uma certa disposição da substância; e o mesmo se aplica no caso das outras categorias. Isso é evidente pelo fato de que todos os acidentes envolvem o conceito de substância, pois na definição de qualquer acidente é necessário incluir seu sujeito próprio; por exemplo, na definição de *chato* é necessário incluir nariz. Isso foi esclarecido no

início do Livro VII (1347).

1769. Mas o ser é dividido de várias maneiras. (1) Uma divisão baseia-se na sua designação como quiddidade (i.e., substância), quantidade ou qualidade, que é sua divisão nas dez categorias.

(2) Outra é sua divisão em potência e ato ou atividade, da qual a palavra "ato" [ou ato] deriva, como se explica mais adiante (1805). E por esta razão é agora necessário tratar da potência e do ato.

1770. É necessário, antes de tudo, tratar da potência em seu sentido mais próprio, embora não seja o mais útil para nosso propósito atual. Pois potência e ato referem-se, na maioria dos casos, às coisas em movimento, porque o movimento é o ato de um ente em potência. Mas o objetivo principal deste ramo da ciência é considerar a potência e o ato, não na medida em que são encontrados nos seres móveis, mas na medida em que acompanham o ser em geral. Por isso, potência e ato também são encontrados nos seres imóveis, por exemplo, nos intelectuais.

1771. E quando tivermos falado sobre a potência encontrada nas coisas móveis e sobre o seu ato correspondente, poderemos também explicar a potência e o ato na medida em que são encontrados nas coisas inteligíveis classificadas como substâncias separadas, que serão tratadas posteriormente (1867). Esta ordem é adequada, pois as coisas sensíveis, que estão em movimento, são mais evidentes para nós e, portanto, por meio delas podemos alcançar o conhecimento das substâncias das coisas imóveis.

1773. **Que os termos** (743).

Em seguida, trata da potência e do ato; e isso se divide em três partes. Na primeira, discute a potência; na segunda (1823), o ato; e na terceira (1844), a relação do ato com a potência.

A primeira divide-se em duas partes. Na primeira delas, discute a potência em si mesma. Na segunda (1787), discute a potência em relação às coisas nas quais é encontrada.

A primeira divide-se em duas partes. Na primeira, trata da potência; na segunda (1784), da incapacidade.

Quanto à primeira, faz duas coisas. Primeiro, explica os diferentes sentidos de potência. Segundo (1781), torna evidente uma verdade sobre a potência a partir das coisas anteriormente estabelecidas.

Ele diz, portanto, primeiro, que foi mostrado em outro lugar, ou seja, no Livro V desta obra (954), que as palavras potência e poder têm uma multiplicidade de significados. Mas, em alguns casos, essa multiplicidade é uma multiplicidade de equívoco e, em outros, é uma multiplicidade de analogia.

Pois (1) algumas coisas são ditas capazes ou incapazes porque possuem algum princípio (+) dentro de si mesmas, e isso se refere aos sentidos em que todas as potências são ditas tais não de modo equívoco, mas análogo. (2) Mas outras coisas não são ditas capazes ou aptas por causa de algum princípio que possuam (~) dentro de si mesmas; e, nesse caso, o termo potência é usado de modo

equívoco.

1774. Portanto, quanto aos sentidos em que o termo potência é usado de modo equívoco, ele diz que estes devem ser deixados de lado por enquanto. Pois o termo potência é referido a algumas coisas, não por causa de algum princípio que possuam, mas em sentido figurado, (1) como se faz em geometria; pois o quadrado de uma linha é chamado de sua potência (*potentia*), e diz-se que uma linha é capaz de se tornar seu quadrado. (2) E, da mesma forma, no caso dos números, pode-se dizer que o número três é capaz de se tornar o número nove, que é seu quadrado; porque, quando o número três é multiplicado por si mesmo, resulta o número nove, pois três vezes três dá nove; e, quando uma linha, que é a raiz de um quadrado, é multiplicada por si mesma, resulta um quadrado. E o mesmo se aplica no caso dos números. Portanto, a raiz de um quadrado tem alguma semelhança com a matéria da qual uma coisa é feita; e, por essa razão, diz-se que a raiz é capaz de se tornar seu quadrado, assim como a matéria é capaz de se tornar uma coisa.

1775. E (3) da mesma forma, nas considerações da lógica, dizemos que algumas coisas são possíveis ou impossíveis, não por causa de alguma potência, mas porque elas são ou não são de certa maneira; pois aquelas coisas são chamadas possíveis cujos opostos podem ser verdadeiros, enquanto aquelas são chamadas impossíveis cujos opostos não podem ser verdadeiros. Essa diferença depende da relação do predicado com o sujeito, porque às vezes o predicado é repugnante ao sujeito, como no caso das coisas impossíveis, e às vezes não é, como no caso das coisas possíveis.

1776. Deixando de lado esses sentidos de potência, então, devemos considerar as potências que são reduzidas a uma espécie, porque cada uma delas é um princípio. E todas as potências faladas nesse sentido são reduzidas a algum princípio do qual todas as outras derivam seu significado; e este é um princípio ativo, que é a fonte de mudança em alguma outra coisa enquanto é outra. Ele diz isso porque é possível que um princípio ativo esteja ao mesmo tempo no móvel ou paciente, como quando algo se move a si mesmo; embora não seja motor e movido, ou agente e paciente, sob o mesmo aspecto. Portanto, o princípio designado como potência ativa é dito ser um princípio de mudança em alguma outra coisa enquanto é outra; porque, mesmo que um princípio ativo possa ser encontrado na mesma coisa que um princípio passivo, isso ainda não acontece na medida em que é o mesmo, mas na medida em que é outro.

1777. Que as outras potências são reduzidas a este princípio, que é chamado de potência ativa, é evidente; pois, em um sentido, potência passiva significa o princípio pelo qual uma coisa é movida por alguma outra coisa enquanto é outra. Ele diz isso porque, mesmo que a mesma coisa pudesse ser agida por si mesma, isso ainda não acontece na medida em que é a mesma, mas na medida em que é outra. Ora, essa potência é reduzida a uma primeira potência ativa, porque quando algo sofre mudança, isso é causado por um agente. E, por essa razão, a potência passiva também é reduzida à potência ativa.

1778. Em outro sentido, potência significa um certo estado de insuscetibilidade (ou impossibilidade) "de mudar para pior", ou seja, uma disposição pela qual uma coisa é tal que não pode sofrer mudança para pior; isto é, que não pode sofrer corrupção como resultado de alguma outra coisa "enquanto é outra", ou seja, por um princípio de mudança que é um princípio ativo.

1779. Ora, é evidente que ambos esses sentidos de potência implicam algo dentro de nós que é referido ao sofrimento de uma mudança. Pois (1) em um sentido, o termo designa um princípio em razão do qual alguém não pode ser agido; e (2) no outro sentido, designa um princípio em razão do qual alguém pode ser agido.

Portanto, uma vez que o estado de ser afetado depende da ação, a definição “do tipo primário de potência”, ou seja, potência ativa, deve ser dada na definição de ambos os sentidos de potência. Assim, esses dois sentidos de potência são reduzidos ao primeiro, ou seja, à potência ativa, como a algo anterior.

1780. Além disso, em outro sentido, potências são mencionadas não apenas em relação ao agir e ao ser afetado, mas em relação ao que é bem feito em cada caso. Por exemplo, dizemos que alguém é capaz de andar, não porque pode andar de qualquer maneira, mas porque pode andar bem; e, em sentido oposto, dizemos de quem manca que não pode andar. Da mesma forma, dizemos que a madeira é capaz de ser queimada porque pode ser queimada facilmente; mas dizemos que a madeira verde é incapaz de ser queimada porque não pode ser queimada facilmente. Portanto, fica claro que, nas definições daquelas potências que são descritas como potências para agir e ser afetado bem, estão incluídos os conceitos daquelas potências primárias que foram descritas como potências para agir e ser afetado sem qualificação; por exemplo, agir está incluído em agir, e ser afetado está incluído em ser afetado bem.

Por isso é óbvio que todos esses sentidos de potência são reduzidos a um sentido primário, ou seja, à potência ativa; e, portanto, também é evidente que essa multiplicidade não é a multiplicidade da equivocidade, mas da analogia.

1781. **É evidente, então** (744).

A partir do que foi dito, ele agora indica algo que é verdadeiro sobre as potências mencionadas. Ele diz que, em um sentido, a potência para agir e a potência para ser afetado são uma só, e, em outro sentido, não são. (1) Elas são uma potência se a relação de uma com a outra é considerada; pois uma é mencionada em referência à outra. Pois uma coisa pode ser dita ter uma potência para ser afetada, seja porque tem em si mesma uma potência pela qual pode ser afetada, seja porque tem uma potência pela qual outra coisa pode ser afetada por ela. E nesse segundo sentido, potência ativa é o mesmo que potência passiva; pois pelo fato de uma coisa ter potência ativa, ela tem um poder pelo qual outra coisa pode ser afetada por ela.

1782. (2) No entanto, se essas duas potências — ativa e passiva — são tomadas em referência ao sujeito em que se encontram, então, nesse sentido, potência ativa e passiva são diferentes; pois a potência passiva existe no paciente, já que um paciente é afetado por causa de algum princípio existente dentro de si mesmo; e a matéria é desse tipo. Ora, potência passiva nada mais é do que o princípio pelo qual uma coisa é afetada por outra; por exemplo, ser queimado é sofrer uma mudança, e o princípio material pelo qual uma coisa é capaz de ser queimada é o oleoso ou o gorduroso. Portanto, a própria potência está presente como um princípio passivo na coisa capaz de ser queimada. E, da mesma forma, aquilo que cede à coisa que o toca, de modo a receber uma impressão dela, como cera ou algo desse tipo, é capaz de fazê-lo na medida em que é impressionável. “E o suposto”, i.e., o macho, é o sujeito próprio da modificação que resulta em um

eunuco. O mesmo vale para outras coisas que são afetadas na medida em que têm dentro de si um princípio para ser afetado, que é chamado de potência passiva. Mas a potência ativa está no agente, como o calor na coisa que aquece e a arte de construir no construtor.

1783. E como a potência ativa e a potência passiva estão presentes em coisas diferentes, é óbvio que nada é afetado por si mesmo na medida em que está naturalmente disposto a agir ou a ser afetado. No entanto, é possível que algo seja afetado por si mesmo acidentalmente, como um médico que cura a si mesmo não na medida em que é médico, mas na medida em que está doente. Mas, nesse caso, uma coisa não é afetada por si mesma, porque, propriamente falando, um dos princípios mencionados está presente na mesma coisa, e não o outro. Pois o princípio de ser afetado não está presente naquele que tem o princípio de ação, exceto acidentalmente, como foi dito (1782).

1784. **E incapacidade** (745).

Aqui ele estabelece a verdade sobre a incapacidade, dizendo que a incapacidade (que é o contrário da potência ou capacidade mencionada) ou impossibilidade (que é referida a esse tipo de incapacidade) é a *privação* da potência em questão.

No entanto, ele diz isso para distingui-la do impossível que significa algum modo de falsidade, que não é referido a nenhuma incapacidade, assim como o possível também não é referido a nenhuma potência. Pois, uma vez que privação e posse pertencem ao mesmo sujeito e se referem ao mesmo atributo, potência e incapacidade devem pertencer ao mesmo sujeito e se referir ao mesmo atributo.

Portanto, há tantos sentidos de incapacidade quantos de potência, à qual ela se opõe.

1785. Mas deve-se notar que o termo privação é usado em muitos sentidos. Pois, em um sentido, qualquer coisa que não tem algum atributo pode ser dita privada dele, como quando dizemos que uma pedra é privada de visão porque não tem visão; e, em outro sentido, diz-se que uma coisa é privada apenas daquilo que pode ter e não tem. E isso pode ocorrer de duas maneiras: de uma maneira, quando a coisa não o tem de forma alguma, como se diz que um cão é privado de visão quando não a tem; e, de outra maneira, se não o tem quando está naturalmente disposto a tê-lo. Portanto, não se diz que um cão é privado de visão antes do nono dia. Esse sentido de privação é novamente dividido. Pois, em um sentido, diz-se que uma coisa é privada de algum atributo porque não o tem de uma maneira particular, ou seja, completa e bem; como quando dizemos que alguém que não vê bem é cego. E, em outro sentido, diz-se que uma coisa é privada de algum atributo quando não o tem de forma alguma; por exemplo, dizemos que uma pessoa é privada de visão que não tem visão alguma. Mas às vezes a força é incluída na noção de privação, e então dizemos que algumas coisas são privadas de certos atributos quando aqueles que estão naturalmente dispostos a ter são removidos pela força.

LIÇÃO 2 - Potências Racionais e Irracionais

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2:1046a 36-1046b 28

“ 746. E, uma vez que alguns desses princípios estão presentes em seres não vivos, e outros em seres vivos e na alma, e na alma que possui razão, é evidente que algumas potências serão desprovidas de razão e outras serão racionais. E por essa razão todas as artes e ciências produtivas são potências; pois são princípios de mudança em outra coisa enquanto outra.

747. E todas aquelas potências que são racionais estão abertas a determinações contrárias, e aquelas que são irracionais são cada uma determinada a uma coisa; por exemplo, o que é quente é capaz de aquecer, enquanto a arte médica lida tanto com a doença quanto com a saúde.

748. E a razão disso é que a ciência é uma concepção [ou plano racional], e a mesma concepção explica tanto uma coisa quanto sua privação, embora não da mesma maneira. E em um sentido é uma concepção de ambas, e em outro se aplica antes à coisa existente. Portanto, é necessário que tais ciências lidem com contrários, mas com um diretamente e com o outro indiretamente; pois a concepção se aplica a um essencialmente, mas ao outro de uma espécie de maneira accidental, porque explica o contrário por negação e remoção. Pois o contrário é a privação primária, e esta é a remoção do outro termo.

749. Além disso, uma vez que os contrários não existem no mesmo sujeito, e uma vez que uma ciência é uma potência em um ser que possui um plano racional, e a alma tem um princípio de movimento, segue-se que, enquanto o que é saudável produz apenas saúde, e o que é capaz de aquecer produz apenas calor, e o que é capaz de esfriar produz apenas frio, aquele que possui uma ciência pode se ocupar com ambos os contrários. Pois a razão se estende a ambos, mas não da mesma maneira, e existe em uma alma que possui um princípio de movimento. Portanto, a alma iniciará ambos pelo mesmo princípio, juntando ambos ao mesmo plano racional. E por essa razão, aquelas coisas cuja potência é racional produzem efeitos contrários àquelas cuja potência é irracional; pois um princípio de determinações contrárias está contido no plano racional.

750. Também é evidente que uma potência para fazer algo bem envolve a potência de meramente fazer algo ou sofrer alguma mudança. Mas esta última nem sempre envolve a primeira; pois aquele que faz algo bem deve fazê-lo, mas aquele que faz algo não precisa fazê-lo bem.

COMENTÁRIO

Sujeitos da potência

1786. Tendo explicado os diferentes sentidos em que o termo potência é usado, aqui o Filósofo estabelece a verdade sobre a potência em relação às coisas nas quais ela é encontrada. Isso se divide em duas partes. Na primeira (1786), ele mostra como essas potências diferem entre si com base em uma diferença em seus sujeitos. Na segunda (1795), ele mostra como potência e atualidade são simultâneas ou não em uma substância.

Em relação à primeira, ele faz três coisas. Primeiro, mostra como as potências diferem com base em uma diferença nos sujeitos. Ele diz que, uma vez que as potências são princípios tanto para agir quanto para sofrer ação, alguns desses princípios estão em seres não vivos e outros em seres vivos. E, uma vez que os seres vivos são compostos de corpo e alma, e os princípios para agir e sofrer ação que estão presentes no corpo dos seres vivos não diferem daqueles em seres não vivos, ele acrescenta "e na alma", porque os princípios de ação que estão presentes na alma claramente diferem daqueles presentes em seres não vivos.

1787. Novamente, há vários tipos de almas, e muitas delas não diferem em grande medida tanto no agir quanto no sofrer ação dos seres não vivos que agem por instinto natural; pois as partes da alma nutritiva e sensitiva agem por impulso natural. Ora, apenas a parte racional da alma tem domínio sobre seus atos, e é nesse aspecto que difere dos seres não vivos. Portanto, tendo apontado a diferença entre as almas, ele acrescenta "e na alma que possui razão", porque aqueles princípios dos seres vivos que são encontrados na parte racional da alma diferem especificamente daqueles dos seres não vivos. Portanto, é evidente que alguns poderes da alma são irracionais e outros racionais.

1788. Ele explica o que quer dizer com aqueles que são racionais, quando acrescenta que (1) "todas as artes produtivas", como as artes de construir e edificação e similares, cujas ações passam para (+) matéria externa, e (2) todas as ciências que não realizam ações que passam para (~) matéria externa, como as ciências morais e lógicas — todas as artes desse tipo, digo, são *potências*. E isso é concluído do fato de que elas são princípios de mudança em outra coisa enquanto outra. Esta é a definição de poder ativo, como fica claro pelo que foi dito acima.

1789. **E todas aquelas** (747).

Segundo, ele dá a diferença entre as potências acima mencionadas. Ele diz que as mesmas potências racionais estão (+) abertas a determinações contrárias, como a arte da medicina, que é uma potência, como foi explicado (1404-7), pode produzir tanto saúde quanto doença.

Mas as potências irracionais não estão (~) abertas a determinações contrárias, mas, propriamente falando, cada uma é determinada a uma coisa; por exemplo, o calor do sol tem como efeito próprio aquecer, embora possa ser a causa do frio na medida em que, ao abrir os poros, causa a perda do calor interno; ou ao absorver a matéria de um humor quente, destrói o calor e, assim, esfria.

1790. E a razão (748).

Então o Filósofo apresenta a razão para a diferença mencionada, que é a seguinte: uma ciência, que é uma potência racional, é uma concepção da coisa conhecida existente na mente. Ora, a mesma concepção explica tanto a coisa quanto sua privação, embora não da mesma maneira, porque primeiro faz conhecer a coisa existente e, posteriormente, sua privação; por exemplo, o próprio poder da visão é conhecido propriamente por meio da noção de visão, e então a cegueira é conhecida, que nada mais é do que a própria falta de visão em algo naturalmente disposto a tê-la. Portanto, se a ciência é uma concepção da coisa conhecida existente na mente, a mesma ciência deve tratar dos contrários — de um primária e propriamente, e do outro secundariamente; por exemplo, a arte da medicina é cognitiva e produtiva primariamente da saúde e secundariamente da doença, porque, como foi apontado, esta arte lida com a concepção da coisa conhecida na mente, e esta concepção é de um dos contrários diretamente e do outro indiretamente.

1791. E uma vez que as observações que o Filósofo havia feito acima sobre a privação ele posteriormente transferiu para os contrários, ele mostra que a mesma concepção se aplica a um contrário e a uma privação; pois assim como uma privação é explicada por negação e remoção (por exemplo, a remoção da visão explica a cegueira), de maneira semelhante um contrário é explicado por negação e remoção; porque a privação, que é meramente a remoção de algum atributo, é uma espécie de primeiro princípio entre os contrários.

Pois no caso de todos os contrários, um se apresenta como algo perfeito e o outro como algo imperfeito e a privação do primeiro; o preto, por exemplo, é a privação do branco, e o frio é a privação do calor. Assim, é evidente que a mesma ciência se estende aos contrários.

1792. Além disso, uma vez que (749).

Ele desenvolve este ponto a seguir e começa a dar a razão para a diferença mencionada. Pois é claro que as coisas naturais agem em razão das formas presentes nelas. Mas formas contrárias não podem existir no mesmo sujeito. Portanto, é impossível que a mesma coisa natural produza efeitos contrários.

Mas a ciência é uma potência para agir e um princípio de movimento, porque uma pessoa tem uma ideia da coisa a ser feita e este princípio de movimento está na mente. E sendo assim, segue-se que as coisas naturais produzem apenas um efeito; por exemplo, o que é saudável produz apenas saúde, e o que é capaz de aquecer produz apenas calor, e o que é capaz de esfriar produz apenas frio.

Mas aquele que age pela ciência pode se ocupar com ambos os contrários, porque a concepção de ambos contida na alma é a mesma; pois a alma possui o princípio de tal movimento, embora não da mesma maneira, como foi explicado.

1793. Portanto, assim como uma atividade natural procede para produzir seu efeito como se estivesse unida à sua forma, que é o princípio da ação cuja semelhança permanece no efeito, de maneira semelhante a alma, por sua atividade, procede para produzir ambos os opostos "pelo mesmo princípio", i.e., pela concepção que é una para os dois opostos, unindo ambos os movimentos a este princípio e fazendo com que ambos terminem nele, na medida em que a semelhança deste princípio é verificada em ambos os opostos que vêm a ser.

Portanto, é evidente que as potências racionais produzem um efeito oposto ao das potências irracionais, porque uma potência racional produz efeitos contrários, enquanto uma potência irracional produz apenas um efeito. A razão é que um único princípio de efeitos contrários está contido na concepção pertencente a uma ciência, como foi explicado.

1794. **Também é evidente** (750).

Ele explica a relação de alguns dos sentidos de potência mencionados acima com aqueles que estão subordinados a eles. Pois foi dito acima que se diz que uma coisa tem potência ativa ou passiva, às vezes apenas porque pode agir ou ser afetada, e às vezes porque pode agir ou ser afetada bem. Portanto, ele diz que a potência para agir ou ser afetado bem envolve a potência para agir ou ser afetado, mas não o contrário. Pois segue-se que alguém age se age bem, mas o oposto disso não é verdadeiro.

LIÇÃO 3 - Rejeição da Visão de que Uma Coisa Tem Potência Apenas Quando Está Agindo. Rejeição da Visão de que Todas as Coisas São Possíveis

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 3 e 4: 1046b 29-1047b 30

“ 751. Há alguns, como os membros da escola megárica, que dizem que uma coisa tem potência para agir apenas quando está agindo, e que quando não está agindo não tem essa potência; por exemplo, quem não está construindo não tem o poder de construir, mas apenas quem está construindo quando está construindo; e o mesmo ocorre em outros casos.

752. Não é difícil perceber as consequências absurdas dessa posição. Pois é evidente, segundo essa visão, que um homem não será um construtor se não estiver construindo, porque ser um construtor é ser capaz de construir. O mesmo se aplica no caso das outras artes. Portanto, se é impossível possuir tais artes a menos que alguém, em algum momento, as tenha aprendido e adquirido, e se é impossível não as ter a menos que alguém, em algum momento, as tenha perdido (seja por esquecimento, por alguma mudança ou pelo passar do tempo; pois isso não pode ocorrer como resultado da destruição do objeto, já que ele sempre existe), quando alguém deixar de usar uma arte, não a terá; e, no entanto, será capaz de construir imediatamente, recuperando-a de alguma forma.

753. E o mesmo será verdade no caso das coisas inanimadas; pois nem o frio, nem o quente, nem o doce, nem o amargo, nem qualquer coisa sensível existirá de forma alguma se não estiver sendo percebida. Logo, eles terão que defender a teoria que Protágoras defendeu.

754. De fato, nada terá sentidos a menos que esteja sentindo ou agindo. Portanto, se cego é aquilo que não tem o poder da visão, embora seja projetado pela natureza para tê-lo, e quando é projetado pela natureza para tê-lo, e enquanto existe, as mesmas pessoas serão cegas muitas vezes durante o dia; e surdas também.

755. Além disso, se o que é privado de uma potência é incapaz, será impossível que aquilo que ainda não foi gerado venha a ser; mas quem diz que o que não pode possivelmente ser gerado ou é ou será, está em erro; pois é isso que impossível ou incapaz significa. Portanto, essas teorias eliminam tanto o movimento quanto a geração; pois o que está de pé estará sempre de pé, e o que está sentado estará sempre sentado, porque, se está sentado, não se levantará, já que é impossível que algo se levante que não tenha possibilidade de fazê-lo.

756. Portanto, se é impossível sustentar isso, é evidente que potência e ato são distintos. Mas essas visões tornam potência e ato a mesma coisa, e por essa razão não é uma coisa pequena que elas procuram destruir. Logo, é possível que uma coisa seja capaz de ser e ainda não ser, e que uma coisa não seja e ainda seja capaz de ser. E é semelhante no caso das outras categorias; por exemplo, uma coisa pode ser capaz de andar e ainda não andar, e ser capaz de não andar e ainda andar.

757. Além disso, uma coisa tem uma potência se não há nada de impossível em ela ter o ato daquilo que se diz que ela tem a potência. Quero dizer, por exemplo, que se uma coisa é capaz de sentar, e acontece de estar sentada, não haverá nada de impossível em ela estar em uma posição sentada; e é semelhante se ela é capaz de ser movida ou de mover algo, ou de ficar de pé ou fazer uma coisa ficar de pé, ou de ser ou vir a ser, ou de não ser ou não vir a ser.

758. E a palavra ato, que é combinada com enteléquia, é estendida principalmente do movimento para outras coisas; pois o ato parece ser identificado principalmente com o movimento. E por essa razão eles não atribuem movimento a coisas inexistentes, mas atribuem as outras categorias. Por exemplo, coisas inexistentes são consideradas objetos do intelecto e do desejo, mas não estarem em movimento. E a razão é que elas teriam que existir em ato, mesmo que não existissem em ato; pois algumas coisas inexistentes são potenciais. No entanto, elas não existem, porque não existem em ato completo.

759. Agora, se o que foi chamado de potencial ou possível é tal porque algo se segue disso, é evidente que não pode ser verdadeiro dizer que uma coisa é possível mas não será, porque as coisas que não podem possivelmente ser desapareceriam então. Um exemplo seria se alguém, pensando que nada é impossível, afirmasse que é possível que a diagonal de um quadrado seja comensurável, mesmo que não seja comensurável; porque nada impede que uma coisa que é capaz de ser ou de vir a ser não seja ou não venha a ser. Mas essa conclusão segue necessariamente das coisas estabelecidas acima. E se supomos que aquilo que não é, mas é capaz de ser, é ou veio a ser, nada seria impossível. Mas, neste caso, algo impossível ocorrerá; pois é impossível que uma diagonal seja comensurável. Pois ser falso e ser impossível não são a mesma coisa; pois, embora seja falso que você está agora de pé, não é impossível.

760. E ao mesmo tempo é evidente que, se, quando A existe, B deve existir, então, se A é possível, B deve ser possível; pois, se não é necessário que B seja possível, nada impede que não seja possível. Portanto, seja A possível. E, se A é possível, então, quando A é possível, se A é suposto existir, nada de impossível se segue, mas B necessariamente existe. Mas isso foi suposto ser impossível. Portanto, seja B impossível. Então, se B deve ser impossível, A deve sê-lo também. Mas o primeiro foi suposto ser impossível; portanto, também o segundo. Logo, se A é possível, B também será possível, isto é, se eles estão relacionados de tal modo que, quando A existe, B deve existir. Portanto, se, quando A e B estão assim relacionados, B não é possível, então A e B não estarão relacionados do modo suposto. Por outro lado, se, quando A é possível, B deve ser possível, então, se A existe, B deve existir. Pois dizer que B deve ser possível se A é possível significa que, se A existe tanto quando existe quanto do modo como é possível que exista, então B também deve existir e existir desse modo.

COMENTÁRIO

Objeção 1: Uma coisa tem potência apenas quando está agindo

1795. Tendo comparado um tipo de potência com outro na discussão acima, aqui o Filósofo começa a explicar como potência e ato são encontrados no mesmo sujeito. Isso se divide em duas partes. Na primeira, ele rejeita as opiniões falsas de alguns homens. Na segunda (1815), ele estabelece a verdade (“E visto que entre”).

A primeira se divide em duas partes. Na primeira parte, ele rejeita a opinião daqueles que diziam que uma coisa é possível ou potencial apenas quando está em estado de ato. Na segunda parte (1810), ele rejeita a opinião daqueles que sustentam o contrário disso: que todas as coisas são potenciais ou possíveis, mesmo que não estejam em estado de ato (“Agora, se o que”).

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, rejeita a opinião errônea mencionada. Segundo (1804), explica o que é ser potencial ou possível, e o que é ser atual ("Além disso, uma coisa").

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, apresenta essa opinião. Segundo (1796), ele a destrói ("Não é difícil"). Terceiro (1803), ele tira a conclusão pretendida ("Portanto, se").

Ele diz, portanto, primeiro, que alguns afirmaram que algo está em estado de potência ou capacidade apenas quando está agindo; por exemplo, um homem que não está realmente construindo é incapaz de construir, mas é capaz de construir apenas quando está realmente construindo; e eles falam de maneira semelhante sobre outras coisas.

A razão para essa posição parece ser que eles pensavam que todas as coisas acontecem necessariamente devido a alguma conexão entre causas.

Assim, se todas as coisas acontecem necessariamente, segue-se que aquelas que não acontecem são impossíveis.

1796. **Não é difícil** (752). Em seguida, ele apresenta argumentos contra a opinião acima, e estes a reduzem a suas consequências absurdas. O primeiro é o seguinte: estar construindo é ter o poder ou a capacidade de construir. Portanto, se ninguém tem o poder ou a capacidade de agir exceto quando está agindo, ninguém é construtor exceto quando está construindo. E o mesmo será verdade para as outras artes; pois todas as artes são certas capacidades ou potências, como foi apontado (1786). Segue-se, então, que ninguém terá uma arte exceto quando a estiver exercendo.

1797. Mas isso se mostra impossível se duas suposições forem feitas. A primeira é esta: se alguém não tinha inicialmente uma arte, seria impossível que a tivesse depois, a menos que a tivesse aprendido ou adquirido de alguma forma, isto é, por descoberta.

1798. A segunda suposição é que, se alguém tinha uma arte, seria impossível que não tivesse a mesma arte depois, a menos que a perdesse de alguma forma, seja por esquecimento, seja por alguma doença, seja pelo passar de um longo tempo durante o qual o conhecimento não foi exercido; pois esta é a causa do esquecimento. Ora, não pode ser que alguém perca uma arte como resultado da destruição de seu objeto, como às vezes acontece que o conhecimento verdadeiro se perde quando uma coisa muda; por exemplo, quando alguém faz um juízo verdadeiro de que Sócrates está sentado, seu juízo verdadeiro é destruído quando Sócrates se levanta. Mas isso não pode ser dito sobre uma arte; pois uma arte não é um conhecimento do que existe, mas do que deve ser feito; e enquanto a matéria a partir da qual uma arte pode produzir algo continuar a existir, o objeto dessa arte sempre existe. Logo, uma arte não pode ser perdida quando seu objeto é destruído, exceto das maneiras mencionadas.

1799. Ora, a partir dessas duas suposições, o Filósofo argumenta da seguinte forma: se um homem não tem uma arte exceto quando a está exercendo, então quando ele começa a exercê-la, ele a tem novamente. Portanto, ele deve tê-la aprendido ou adquirido de alguma outra forma. E, da mesma forma, quando ele cessa de exercer uma arte, segue-se que ele não tem essa arte, e assim ele perde a arte que antes possuía, seja por esquecimento, seja por alguma mudança, seja pelo passar do tempo. Mas ambas as coisas são claramente falsas; portanto, não é verdade que alguém

tenha uma potência apenas quando está agindo.

1800. **E o mesmo** (753). Aqui ele dá o segundo argumento, que agora tem a ver com os princípios irracionais presentes em coisas não vivas, a saber, quente e frio, doce e amargo, e outras qualidades desse tipo, que são princípios ativos que alteram os sentidos e, portanto, são potências. Ora, se a potência está presente em uma coisa apenas quando está agindo, segue-se que nada é quente ou frio, doce ou amargo, e assim por diante, exceto quando está sendo sentido através de uma alteração nos sentidos. Mas isso é claramente falso; pois se fosse verdade, seguir-se-ia que a opinião de Protágoras seria verdadeira, já que ele dizia que todas as propriedades e naturezas das coisas só existem no ser sentido e no ser pensado.

E disso seguir-se-ia que contraditórios seriam verdadeiros ao mesmo tempo, já que homens diferentes têm opiniões contraditórias sobre a mesma coisa. Ora, o Filósofo argumentou dialeticamente contra essa posição acima, no Livro IV (636). Portanto, é falso que a potência exista apenas quando há atividade.

1801. **Além disso, se a visão** (754). Aqui ele dá o terceiro argumento, que é o seguinte: o sentido é um tipo de potência. Portanto, se a potência existe apenas quando há atividade, segue-se que um homem tem poder sensorial apenas quando está sentindo, por exemplo, o poder da visão ou da audição. Mas aquele que não tem o poder da visão, embora seja naturalmente disposto a tê-lo, é cego; e aquele que não tem o poder da audição é surdo. Logo, ele será cego e surdo muitas vezes no mesmo dia. Mas isso é claramente falso, pois um cego não recupera a visão depois, nem um surdo a audição.

1802. **Além disso, se o que** (755). Aqui ele dá o quarto argumento, que é o seguinte: é impossível que uma coisa aja se não tem o poder de agir. Portanto, se alguém tem uma potência ou poder apenas quando está agindo, segue-se que quando não está agindo, é impossível que aja. Mas quem diz que algo incapaz de acontecer ou é ou será, está enganado. Isso é evidente a partir do significado da palavra impossível; pois o impossível é dito ser falso porque não pode acontecer. Segue-se, então, que algo que não é é incapaz de vir a ser de qualquer maneira. E assim a potência entendida dessa forma eliminará o movimento e a geração, porque quem está de pé ficará sempre de pé, e quem está sentado ficará sempre sentado. Pois se alguém está sentado, nunca se levantará depois, porque enquanto não está de pé, não tem o poder de ficar de pé. Logo, é impossível que ele fique de pé e, conseqüentemente, é impossível que ele se levante. Da mesma forma, o que não é branco será incapaz de ser branco e, assim, não poderia ser tornado branco. O mesmo vale para todas as outras coisas.

1803. **Portanto, se** (756).

Ele tira sua conclusão pretendida, dizendo que, se os absurdos mencionados acima não podem ser admitidos, é óbvio que potência e ato são distintos. Mas aqueles que defendem a posição anterior tornam potência e ato a mesma coisa, na medida em que afirmam que algo tem potência apenas quando está em estado de ato. E disso fica evidente que desejam remover da natureza algo de não pouca importância, pois eliminam o movimento e a geração, como foi dito (1802). Portanto, como isso não pode ser admitido, é óbvio que algo é capaz de ser, embora ainda não seja, e que algo é capaz de não ser, embora já seja. E "é semelhante no caso das outras categorias", ou

predicamentos, porque é possível que alguém que não está andando venha a andar, e, inversamente, é possível que alguém que está andando deixe de andar.

1804. Além disso, uma coisa (757).

Aqui ele explica o que é ser potencial e o que é ser atual. Primeiro, explica o que é ser potencial. Diz que é dito ser potencial aquilo do qual nada de impossível decorre quando se assume que é atual; por exemplo, se alguém dissesse que é possível alguém sentar-se, se nada de impossível decorrer quando se assume que ele está sentado. E o mesmo vale para ser movido e mover algo, e outros casos desse tipo.

1805. E a palavra "ato" (758).

Segundo, ele explica o que é ser atual. Diz que a palavra ato é usada para significar *entelequia* e perfeição, ou seja, a forma, e outras coisas desse tipo, como qualquer ação, deriva-se propriamente do movimento, no que diz respeito à origem da palavra. Pois, como as palavras são sinais das concepções intelectuais, primeiro damos nomes àquelas coisas que primeiro compreendemos, mesmo que sejam posteriores na ordem da natureza. Ora, de todos os atos que percebemos de modo sensível, o movimento é o mais conhecido e evidente para nós; e, portanto, a palavra ato foi primeiramente referida ao movimento, e do movimento a palavra foi estendida a outras coisas.

1806. E por essa razão o movimento não é atribuído a coisas inexistentes, embora certas outras categorias mencionadas acima sejam atribuídas a inexistentes; pois dizemos que coisas inexistentes são inteligíveis, ou pensáveis, ou até desejáveis, mas não dizemos que são movidas. Pois, como ser movido significa ser atual, segue-se que coisas que não existem atualmente existiriam atualmente; mas isso é obviamente falso. Pois, mesmo que algumas coisas inexistentes sejam potenciais, ainda não se diz que são, uma vez que não são atuais.

Objeção 2: Todas as coisas são possíveis.

1807. Ora, se o que (759).

Tendo destruído a opinião daqueles que afirmam que nada é possível exceto quando é atual, o Filósofo agora destrói a opinião oposta daqueles que afirmam que todas as coisas são possíveis; e a respeito disso faz duas coisas. Primeiro, destrói essa opinião. Segundo (1810), estabelece uma verdade sobre a sucessão das coisas possíveis.

Ele diz, portanto, primeiro, que, se é verdade que algo é dito possível porque algo decorre disso, na medida em que o possível foi definido como aquilo do qual nada de impossível decorre se for assumido existir, é evidente que as afirmações de alguns pensadores de que qualquer coisa é possível, mesmo que nunca venha a ser, não podem ser verdadeiras, pois como resultado dessa posição coisas impossíveis serão eliminadas. Por exemplo, se alguém dissesse que a diagonal de um quadrado pode ser comensurável com o lado, mesmo que não seja comensurável com ele (e poder-se-ia falar da mesma forma sobre outras coisas impossíveis), e não pensasse que é impossível para o diâmetro de um quadrado ser comensurável com o lado, aqueles que mantêm essa posição, digo, falam verdadeiramente em um sentido e em outro não.

1808. Pois há algumas coisas que nada impedirá de designar como capazes ou possíveis de vir a ser, mesmo que nunca venham a ser ou jamais se realizem; mas isso não pode ser dito de todas as coisas. Contudo, segundo a doutrina estabelecida acima, e que agora devemos assumir, apenas aquelas coisas são capazes de ser ou vir a ser, mesmo que não sejam, das quais nada de impossível decorre quando são postas. No entanto, quando se põe que a diagonal de um quadrado é comensurável, uma conclusão impossível decorre. Assim, não se pode dizer que é possível que a diagonal seja comensurável, pois não é apenas falso, mas impossível.

1809. Ora, algumas coisas são apenas falsas, mas não impossíveis, como que Sócrates está sentado ou que está de pé. Pois ser falso e ser impossível não são a mesma coisa; por exemplo, é falso que você está agora de pé, mas não é impossível.

Portanto, a opinião anterior é verdadeira para algumas coisas, porque algumas são possíveis mesmo que sejam falsas. No entanto, não é verdadeira para todas as coisas, porque algumas são tanto falsas quanto impossíveis.

1810. **E ao mesmo** (760).

E como ele havia dito que algo é julgado possível porque nada de impossível decorre disso, ele indica a maneira como há consequentes possíveis. Diz que não apenas a posição em questão é destruída pela definição do possível dada acima, mas também é evidente ao mesmo tempo que, se o antecedente de uma proposição condicional é possível, o consequente também será possível; por exemplo, se esta proposição condicional "Se quando A é, B é" é verdadeira, então, se A é possível, B deve ser possível.

1811. Agora, para entender isso, devemos notar que a palavra *possível* é usada em dois sentidos: (1) Em primeiro lugar, em contraposição ao necessário, como quando chamamos de possíveis aquelas coisas que podem ser ou não ser. E quando "possível" é tomado dessa forma, as observações anteriores não se aplicam. Pois nada impede que o antecedente seja capaz de ser ou não ser, mesmo que o consequente seja necessário, como é claro nesta proposição condicional: "Se Sócrates ri, ele é um homem."

1812. (2) A palavra "possível" é usada em um segundo sentido, na medida em que é comum tanto às coisas que são necessárias quanto às que podem ser ou não ser, conforme o possível se distingue do impossível. E o Filósofo está falando do possível dessa maneira aqui, quando diz que o consequente deve ser possível se o antecedente era possível.

1813. Pois suponha-se que esta proposição condicional seja verdadeira: Se A é, então B é; e suponha-se que o antecedente, A, seja possível. Então é necessário que B seja possível ou não. Ora, se é necessário, a suposição se segue. Mas se não é necessário, nada impede o oposto de ser suposto, a saber, que B não é possível. Mas isso não pode permanecer; pois A é suposto como possível, e quando é suposto como possível, ao mesmo tempo se supõe que nada de impossível decorre dele; pois o possível foi definido acima como aquilo do qual nada de impossível decorre. Mas B decorre de A, como foi suposto, e B foi suposto como impossível; pois ser impossível é o mesmo que não ser possível. Portanto, A não será possível se B, que foi considerado impossível, decorre dele. Portanto, suponha-se que B seja impossível, e se é impossível e dado A, B deve existir, então tanto o primeiro quanto o segundo, a saber, A e B, serão impossíveis.

1814. Nesse ponto, deve-se notar que a seguinte proposição está correta: (+) se o consequente é impossível, o antecedente é impossível; mas ($\sim$) o inverso não é verdadeiro. Pois nada impede que algo necessário seja consequência do impossível, como nesta proposição condicional: "Se o homem é um asno, ele é um animal."

Portanto, o que o Filósofo diz aqui não deve ser entendido como significando que, se o primeiro, i.e., o antecedente, fosse impossível, então o segundo, i.e., o consequente, também seria impossível. Mas deve ser entendido como significando que, se o consequente é impossível, ambos serão impossíveis.

Portanto, é óbvio que, se A e B estão relacionados de modo que, quando A é, B deve ser, segue-se necessariamente que, se A é possível, B será possível; e se B não é possível quando A é possível, então A e B não estão relacionados da maneira suposta, a saber, que B decorre de A. Mas é necessário que, quando A é possível, B deve ser possível, se, quando A existe, é necessário que B exista. Portanto, quando digo "Se A é, B é", isso significa que B deve ser possível se A é possível, no sentido de que é possível para B existir ao mesmo tempo e da maneira que A é possível; pois não é possível que exista em qualquer tempo e de qualquer maneira.

LIÇÃO 4 - A Prioridade Relativa da Atualidade e da Potência. A Redução das Potências Naturais à Atualidade

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 5: 1047b 31-1048a 24

“ 761. E, uma vez que entre todas as potências, algumas são inatas, como os sentidos, outras são adquiridas pela prática, como a capacidade de tocar flauta, e outras pelo aprendizado, como as capacidades artísticas, aquelas que são adquiridas pela prática e pelo uso da razão devem ser adquiridas pelo exercício prévio. Mas isso não é necessário no caso daquelas que não são tais e que envolvem passividade.

762. Ora, aquilo que é capaz é capaz de algo em algum tempo e de alguma maneira, e tem todas as outras qualificações que devem ser incluídas na definição; e algumas coisas podem causar movimento de acordo com um plano racional e suas potências são racionais, enquanto outras são desprovidas de qualquer plano racional e suas potências são irracionais. E as primeiras potências devem existir em seres vivos, enquanto as últimas existem em ambos os tipos de coisas.

763. E, sendo assim, no caso das últimas potências, quando a coisa que é capaz de agir e aquela que é capaz de ser agida se aproximam uma da outra, uma deve agir e a outra ser agida; mas no caso das primeiras potências, isso não é necessário.

764. Pois as últimas são todas produtoras de um efeito, enquanto as primeiras são produtoras de efeitos contrários. Portanto, elas produziriam efeitos contrários ao mesmo tempo, isto é, se agissem sobre um paciente próximo sem

algo que as determinasse. Mas isso é impossível.

765. Portanto, deve haver alguma outra coisa que seja a causa própria disso, e por isso quero dizer apetite ou escolha. Pois, qualquer coisa que algo deseje principalmente, isso fará, quando, na medida em que é potencial, está presente e se aproxima da coisa que é capaz de ser agida. Portanto, toda potência dotada de razão, quando deseja algo do qual tem a potência e na medida em que a tem, deve fazer essa coisa. E ela tem essa potência quando a coisa capaz de ser agida está presente e está disposta de uma maneira definida; mas se não estiver, não será capaz de agir.

766. Pois é desnecessário acrescentar esta qualificação: quando nada externo a impede; pois o agente tem a potência na medida em que é uma potência para agir. Mas isso não é verdade para todas as coisas, mas apenas para aquelas que estão dispostas de uma maneira definida, no caso das quais os obstáculos externos serão excluídos; pois eles removem algumas das qualificações que são dadas na definição do capaz ou possível.

767. E por esta razão, se tais coisas desejam ou querem fazer duas coisas ou coisas contrárias ao mesmo tempo, não as farão; pois não têm a potência para fazer ambas ao mesmo tempo, nem é possível fazê-las ao mesmo tempo, uma vez que é aquilo que têm a capacidade de fazer que elas fazem.

COMENTÁRIO

Como a potência precede ou segue o ato

1815. Tendo rejeitado as opiniões falsas sobre potência e atualidade, o Filósofo agora estabelece a verdade sobre elas; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra como a atualidade é anterior à potência no mesmo sujeito; e segundo (1816), como a potência, quando é anterior à atualidade, é levada a um estado de atualidade.

Ele diz, portanto, primeiro, que, uma vez que (1) algumas potências são inatas nas coisas das quais são potências, como as potências sensitivas nos animais; e (2) algumas são adquiridas pela prática, como a arte de tocar flauta e outras artes operativas desse tipo; e algumas são adquiridas pelo ensino e aprendizado, como a medicina e outras artes semelhantes; todas as potências mencionadas acima que temos como resultado da prática e do uso da razão devem ser primeiro exercidas e seus atos repetidos antes de serem adquiridas. Por exemplo, alguém se torna harpista tocando harpa, e alguém se torna médico estudando assuntos médicos.

Mas (1) outras potências que não são adquiridas pela prática, mas que nos pertencem por natureza e são passivas, como é evidente no caso das potências sensitivas, não são resultado do exercício; pois ninguém adquire o sentido da visão vendo, mas na verdade vê porque tem a potência da visão.

1816. **Agora, aquilo que** (762).

Aqui ele mostra como aquelas potências que são anteriores à atualidade são levadas à atualidade; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra como diferentes potências — potências racionais e irracionais — diferem entre si a esse respeito. Segundo (1820), mostra como as potências racionais são levadas a um estado de atualidade ("Portanto, deve haver").

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, estabelece certas condições necessárias para o estudo das diferenças mencionadas, e (1) uma delas é que é necessário considerar várias qualificações na definição do *capaz ou potencial*. Pois o capaz não se refere a qualquer coisa, mas a algo definido. Daí o capaz deve ser capaz de algo, como andar ou sentar. E, similarmente, o que pode agir ou ser afetado não pode agir ou ser afetado em qualquer tempo; por exemplo, uma árvore pode dar frutos apenas em algum tempo definido.

Portanto, quando se diz que algo é capaz, é necessário determinar quando é capaz. E também é necessário determinar de que modo é capaz, pois o que é capaz não pode agir nem ser afetado de qualquer maneira; por exemplo, alguém pode andar desta maneira, ou seja, lentamente, mas não rapidamente. E o mesmo vale para as outras qualificações que costumam dar nas definições das coisas, por exemplo, com qual instrumento, em qual lugar, e assim por diante.

1817. Outra qualificação que ele estabelece é que (a) algumas coisas são capazes de algo devido a um plano racional, e as potências para essas capacidades são racionais. (b) Mas algumas capacidades são irracionais, e as potências para estas são irracionais. Além disso, potências racionais podem existir apenas em seres vivos, enquanto potências irracionais podem existir em ambos, ou seja, tanto em seres vivos quanto em não vivos. E existem não apenas em plantas e em animais brutos, que carecem de razão, mas também nos próprios homens, nos quais se encontram certos princípios tanto de agir quanto de ser afetado que são irracionais; por exemplo, as potências de nutrição e crescimento, e o peso, e outros acidentes desse tipo.

1818. **E uma vez que** (763).

(2) Segundo, ele dá a diferença entre as potências em questão.

Ele diz que, no caso das potências irracionais, quando a coisa capaz de ser afetada se aproxima da coisa que é capaz de agir, então, de acordo com aquela disposição pela qual aquilo que pode ser afetado pode ser afetado e aquilo que pode agir pode agir, é (+) necessário que um seja afetado e o outro aja. Isso é claro, por exemplo, quando algo combustível entra em contato com o fogo.

Mas, no caso das potências racionais, isso não é necessário; pois não importa quão próximo algum material seja trazido a um construtor, não é (~) necessário que ele construa algo.

1819. **Quanto a este último** (764).

(3) Em terceiro lugar, ele apresenta a razão para a diferença apontada. (a) Ele diz que as potências irracionais são tais que cada uma produz apenas um efeito e, portanto, quando tal potência é aproximada de algo que pode ser afetado, ela deve produzir o único efeito que é capaz de produzir.

(b) Mas uma mesma potência racional é capaz de produzir efeitos contrários, como foi dito acima (1789-93). Portanto, se, quando aproximada de algo capaz de ser afetado, fosse necessário que ela produzisse o efeito que é capaz de produzir, seguir-se-ia que ela produziria efeitos contrários ao mesmo tempo; mas isso é impossível. Por exemplo, seguir-se-ia que um médico induziria tanto a saúde quanto a doença.

1820. **Portanto, é necessário** (765).

Ele então mostra o que é necessário para que as potências racionais comecem a agir, visto que a proximidade da coisa capaz de ser afetada não é suficiente. Quanto a isso, ele faz três coisas.

Primeiro, ele revela o princípio pelo qual uma potência racional é levada a agir. Ele conclui das discussões acima que, uma vez que uma potência racional tem uma relação comum com dois efeitos contrários, e uma vez que um efeito definido procede de uma causa comum apenas se houver algum princípio próprio que determine essa causa comum a produzir um efeito em vez do outro, segue-se que é necessário postular, além da potência racional que é comum a dois efeitos contrários, algo mais que a particularize para um deles, a fim de que ela proceda à ação. E isso "é o apetite ou a escolha", i.e., a escolha de um dos dois, ou a escolha que envolve a razão; pois é o que um homem intenciona que ele faz, embora isso ocorra apenas se ele estiver naquele estado em que é capaz de agir e o paciente estiver presente. Assim, assim como uma potência irracional que é capaz de agir deve agir quando seu objeto passivo se aproxima dela, de modo semelhante, toda potência racional deve agir (a) quando deseja o objeto do qual tem a potência, e (b) da maneira como o tem. E ela tem o poder de agir quando o paciente está presente e está disposto de tal modo que possa ser afetado; caso contrário, ela não poderia agir.

1821. **Pois é desnecessário** (766).

Em segundo lugar, ele responde a uma questão implícita. Pois, como ele havia dito que tudo que é capaz de agir como resultado de um plano racional, quando deseja algo do qual é a potência, age necessariamente sobre o paciente diante de si, alguém poderia perguntar por que ele não acrescentou essa qualificação, a saber, "quando nada externo o impede"; pois foi dito que deve agir se tiver poder suficiente para agir. Mas isso não ocorre de qualquer maneira, mas apenas quando a coisa que tem a potência está disposta de alguma forma particular; e nessa afirmação, os obstáculos externos são excluídos. Pois as coisas que o impedem externamente removem algo de seus desejos, e supondo que algumas das qualificações estabelecidas na definição comum do capaz ou possível estejam presentes, de modo que ele não seja capaz neste momento ou desta maneira ou algo semelhante.

1822. **E por isso** (767).

Em terceiro lugar, ele nos instrui a evitar as conclusões absurdas que ele disse primeiro que se seguiriam, a saber, que uma potência racional produziria efeitos contrários ao mesmo tempo. Pois, se é necessário que uma potência racional faça o que deseja, seja pela razão ou pelo apetite sensível, e supondo que ela deseje fazer duas coisas diferentes ou contrárias ao mesmo tempo, não se segue por essa razão que ela as fará. Pois elas não têm poder sobre efeitos contrários de tal maneira que possam fazer coisas contrárias ao mesmo tempo; mas elas agem de acordo com a maneira como têm uma potência, como foi explicado (1816-20).

LIÇÃO 5 - Atualidade e Seus Vários Significados

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 6: 1048a 25-1048b 36

“ 768. Uma vez que tratamos do tipo de potência relacionada ao movimento, determinemos agora sobre a atualidade, tanto o que ela é quanto que tipo de coisa ela é. Pois, ao fazer nossas distinções, tornar-se-á evidente ao mesmo tempo com relação ao potencial, não apenas que falamos do potencial como aquilo que é disposto por natureza a mover outra coisa ou ser movido por outra coisa, seja em sentido absoluto ou de alguma maneira especial, mas também que usamos a palavra em um sentido diferente também. E por essa razão também encontraremos esses pontos ao fazer nossas investigações.

769. Ora, a atualidade é a existência de uma coisa não no sentido em que dizemos que uma coisa existe potencialmente, como quando dizemos que Mercúrio está potencialmente na madeira, e a metade no todo, porque pode ser separada dele, ou como dizemos que aquele que não está teorizando é um homem de ciência se ele é capaz de teorizar; mas no sentido em que cada uma dessas coisas existe realmente.

770. O que queremos dizer se torna evidente em casos particulares por indução, e não devemos buscar os limites de cada coisa, mas perceber o que é proporcional; pois é como aquele que constrói para aquele que é capaz de construir, e como aquele que está acordado para aquele que dorme, e como aquele que vê para aquele cujos olhos estão fechados, mas que tem o poder da visão, e como aquilo que é separado da matéria para a matéria, e como aquilo que foi trabalhado para aquilo que não foi; e que a atualidade seja definida por um membro desta divisão e a potência pelo outro.

771. No entanto, as coisas não são todas ditas como atuais da mesma maneira, mas proporcionalmente, como isto está naquilo ou em relação àquilo; de fato, algumas são como o movimento em relação à potência, e outras como a substância em relação a alguma matéria.

772. Mas o infinito e o vazio e todas as outras coisas tais são ditos existir potencial e atualmente em um sentido diferente daquele que se aplica a muitos seres, por exemplo, daquele que vê ou caminha ou é visível. Pois estas coisas

podem ser verificadas, e verificadas sem qualificação; pois o que é visível é assim designado às vezes porque está sendo visto e às vezes porque é capaz de ser visto. Mas o infinito não existe potencialmente no sentido de que algum dia terá existência separada atual, mas existe potencialmente apenas no conhecimento. Pois, uma vez que o processo de divisão nunca chega a um fim, isto mostra que esta atualidade existe potencialmente, mas não que ela exista separadamente alguma vez.' Portanto, a respeito da atualidade, tanto o que ela é quanto que tipo de coisa ela é nos serão evidentes a partir destas e de considerações semelhantes.

COMENTÁRIO

Tipos de ato

1823. Tendo tirado suas conclusões sobre a potência, Aristóteles agora estabelece a verdade sobre a atualidade; e isto se divide em duas partes. Na primeira, ele estabelece o que é a atualidade. Na segunda (1832), ele estabelece o que é verdadeiro quando algo está em potência para a atualidade.

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, ele liga isto à discussão precedente. Ele diz que, uma vez que tratamos do tipo de potência que se encontra nas coisas móveis, i.e., o tipo que é um princípio ativo ou passivo de movimento, devemos agora explicar o que é a atualidade e como ela se relaciona com a potência; porque quando tivermos distinguido os tipos de atualidade, a verdade sobre a potência se tornará evidente a partir disso ao mesmo tempo. Pois a atualidade é encontrada não apenas nas coisas móveis, mas também nas imóveis.

1824. E uma vez que a potência é referida à atualidade, é evidente a partir disso que a capacidade ou potência tomada em referência à ação é atribuída não apenas (1) a algo que está naturalmente disposto (+) a mover ativamente outra coisa ou ser movido passivamente por outra coisa, seja de um modo sem qualificação, na medida em que a potência é referida igualmente ao agir e ao ser agido, ou de algum modo especial, na medida em que a potência é referida ao que é capaz de agir ou ser agido bem; mas (2) a capacidade ou potência também é referida àquela atualidade que é desprovida de (~) movimento. Pois, embora a palavra atualidade seja derivada do movimento, como foi explicado acima (1805), ainda assim não é apenas o movimento que é designado como atualidade. Portanto, nem a potência é referida apenas ao movimento. É necessário, portanto, investigar estas coisas em nossas pesquisas.

1825. **Agora a atualidade** (769).

Segundo, ele estabelece a verdade sobre a atualidade. Primeiro, ele mostra o que é a atualidade; e segundo (1828), como ela é usada em sentidos diferentes no caso de coisas diferentes (“No entanto, as coisas”).

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, ele mostra o que é a atualidade. Ele diz que uma coisa é atual quando existe, mas não da maneira como existe quando é potencial. (a) Pois

dizemos que a imagem de Mercúrio está na madeira potencialmente e não atualmente antes de a madeira ser esculpida; mas uma vez esculpida, a imagem de Mercúrio é então dita estar na madeira atualmente. (b) E da mesma forma, dizemos que qualquer parte de um todo contínuo está naquele todo, porque qualquer parte (por exemplo, a parte do meio) está presente potencialmente na medida em que é possível separá-la do todo dividindo o todo; mas depois que o todo foi dividido, aquela parte estará agora presente atualmente. (c) O mesmo é verdade para aquele que tem uma ciência e não está especulando, pois ele é capaz de especular mesmo que não o esteja fazendo atualmente; mas especular ou contemplar é estar em um estado de atualidade.

1826. O que queremos dizer (770).

Aqui ele responde a uma pergunta implícita; pois alguém poderia pedir-lhe que explicasse o que é a atualidade dando sua definição. E ele responde dizendo que é possível mostrar o que queremos dizer (i.e., por atualidade) no caso de coisas singulares procedendo indutivamente a partir de exemplos, “e não devemos buscar os limites de cada coisa”, i.e., a definição. Pois noções simples não podem ser definidas, uma vez que um regresso infinito em definições é impossível. Mas a atualidade é uma dessas primeiras noções simples. Portanto, ela não pode ser definida.

1827. E ele diz que podemos ver o que é a atualidade por meio da proporção existente entre duas coisas. Por exemplo, podemos tomar a proporção daquele que constrói para aquele que é capaz de construir; e daquele que está acordado para aquele que dorme; e daquele que vê para aquele cujos olhos estão fechados embora tenha o poder da visão; e “daquilo que é separado da matéria”, i.e., o que é formado por meio da operação da arte ou da natureza, e assim é separado da matéria informe, para o que não é separado da matéria informe. E similarmente podemos tomar a proporção do que foi preparado para o que não foi preparado, ou do que foi trabalhado para o que não foi trabalhado. Mas em cada um destes pares opostos um membro será atual e o outro potencial.

E assim, procedendo a partir de casos particulares, podemos chegar a um entendimento de maneira proporcional do que são a atualidade e a potência.

1828. Contudo, as coisas (771).

Em seguida, ele mostra que o termo atualidade é usado em diferentes sentidos; e apresenta dois sentidos distintos em que é empregado. (1) Primeiro, atualidade significa ação ou operação. E, com o intuito de introduzir os diferentes sentidos de atualidade, ele diz, primeiramente, que não afirmamos que todas as coisas são atuais da mesma maneira, mas de maneiras diferentes; e essa diferença pode ser considerada segundo diferentes proporções. Pois uma proporção pode ser entendida como significando que, assim como uma coisa está em outra, uma terceira está em uma quarta; por exemplo, assim como a visão está no olho, a audição está no ouvido. E a relação da substância (isto é, da forma) com a matéria é tomada segundo esse tipo de proporção; pois a forma é dita estar na matéria.

1829. Há outro significado de proporção, na medida em que dizemos que, assim como isto está relacionado àquilo, outra coisa está relacionada a algo mais; por exemplo, assim como a potência da visão está relacionada ao ato de ver, também a potência da audição está relacionada ao ato de ouvir. E a relação do movimento com a potência motriz, ou de qualquer operação com uma

potência operativa, é tomada segundo esse tipo de proporção.

1830. **Mas o infinito** (772).

(2) Em segundo lugar, ele dá o outro sentido em que a palavra atualidade é usada. Ele diz que o infinito e o vazio, ou o vácuo, e todas as coisas desse tipo, são ditos existir em potência e em ato de um modo diferente de muitos outros seres; por exemplo, o que vê, o que anda e o que é visível. Pois é próprio que coisas desse tipo existam às vezes em sentido absoluto, seja apenas em potência, seja apenas em ato; por exemplo, o visível é apenas atual quando é visto, e é apenas potencial quando é capaz de ser visto, mas não está sendo visto atualmente.

1831. Mas o *infinito* não é dito existir em potência no sentido de que possa ter, às vezes, uma existência atual separada por si só; mas, no caso do infinito, a atualidade e a potencialidade são distinguidas apenas no pensamento e no conhecimento. Por exemplo, no caso do infinito no sentido do infinitamente divisível, diz-se que atualidade e potencialidade existem ao mesmo tempo, porque a capacidade do infinito de ser dividido nunca se esgota; pois quando é realmente dividido, ainda é potencialmente divisível. No entanto, nunca é realmente separado da potencialidade de tal modo que o todo seja às vezes realmente dividido e incapaz de qualquer divisão posterior.

E o mesmo é verdadeiro para o *vazio*; pois é possível que um lugar seja esvaziado de um corpo particular, mas não a ponto de ser um vácuo completo, pois continua a ser preenchido por outro corpo; e assim, no vazio, a potencialidade sempre continua unida à atualidade.

O mesmo é verdadeiro para o *movimento* e o *tempo* e outras coisas desse tipo que não possuem ser completo.

Então, no final, ele faz um resumo do que foi dito. Isso está evidente no texto.

LIÇÃO 6 - A Matéria é Potencial Quando Definitivamente Disposta para a Atualidade. O Uso do Termo Matéria em Sentido Amplo

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 7: 1048b 37-1049b 3

“ 773. Contudo, devemos determinar quando cada coisa está em estado de potência e quando não está; pois uma coisa não é potencial em qualquer momento; por exemplo, no processo de geração, a terra é potencialmente um homem? Ou não é, mas sim quando se torna semente? Mas talvez nem isso seja verdadeiro em sentido absoluto.

774. Portanto, de modo semelhante, nem tudo será curado pela arte da medicina ou pelo acaso, mas há algo que é capaz de ser curado, e isso é o que é potencialmente saudável. E a expressão inteligível do que vem a existir atualmente após existir potencialmente como resultado do intelecto é que é algo que, quando desejado, vem a ser se nenhum impedimento externo o obstruir. E no outro caso, ou seja, no da coisa que se cura por si mesma, a saúde existe potencialmente quando nada interno à coisa a impede. O mesmo é verdadeiro para aquelas coisas que são potencialmente uma casa; pois se não há nada nessas coisas, i.e., na matéria, que as impeça de se tornarem uma casa, e se não há nada que precise ser adicionado, removido ou alterado, isso é potencialmente uma casa. O mesmo é verdadeiro para todas as outras coisas que têm um princípio externo de geração. E, no caso daquelas coisas que têm seu princípio de mudança dentro de si mesmas, uma coisa também será

potencialmente qualquer uma daquelas coisas que será por si mesma se nada externo impedir isso. Por exemplo, a semente ainda não é tal, porque deve estar presente em alguma outra coisa e ser transformada. Mas quando já é tal como resultado de seu próprio princípio, é agora essa coisa em potência; mas no outro estado, precisa de outro princípio; por exemplo, a terra ainda não é uma estátua em potência, mas, quando transformada, torna-se bronze.

775. Ora, parece que a coisa da qual falamos não é um "isso", mas um "de-que"; por exemplo, um baú não é madeira, mas de madeira; e madeira não é terra, mas de terra. E o mesmo seria verdade se a terra não fosse algo mais, mas um "de-que". E essa outra coisa é sempre potencialmente (em sentido absoluto) a coisa que a segue, como um baú não é terra ou de terra, mas de madeira; pois isso é potencialmente um baú e a matéria de um baú; e madeira em sentido absoluto é a matéria de um baú em sentido absoluto; mas esta madeira é a matéria deste baú. E se há algo primeiro que não é dito ser "de-que" em relação a outra coisa, isso é a matéria prima; por exemplo, se a terra é de ar, e o ar não é fogo, mas de fogo, então o fogo é a matéria prima e é uma coisa particular. Pois o universal e o sujeito diferem nisso: que um sujeito é uma coisa particular.

776. Por exemplo, o sujeito das modificações é o homem, o corpo e o animal, enquanto a modificação é "musical" ou "branco". E quando a música vem a um sujeito, o sujeito não é chamado de música, mas de musical; e um homem não é chamado de brancura, mas de branco; e ele não é chamado de andar ou movimento, mas de aquilo que anda ou se move, como um "isso-ado".

777. Portanto, todos esses atributos modificadores que são predicados dessa forma têm a substância como seu sujeito último; enquanto aqueles que não são predicados dessa forma, mas o predicado é uma forma ou uma coisa particular, têm a matéria e a substância material como seu sujeito último. Portanto, é apropriado que o termo "isso-ado" seja predicado da matéria e dos atributos modificadores; pois ambos são indeterminados. Foi dito, então, quando uma coisa é dita existir em potência, e quando não.

COMENTÁRIO

Potência próxima ao ato

1832. Tendo mostrado o que é a atualidade, aqui o Filósofo pretende mostrar tanto quando quanto em virtude de que tipo de disposição uma coisa é dita estar em estado de potência para a atualidade. Sobre isso, ele faz duas coisas.

Primeiro (1832), ele declara o que pretende fazer. Diz que é necessário determinar quando uma coisa está em potência e quando não está. Pois não é em qualquer momento e quando disposta de qualquer maneira que uma coisa pode ser dita estar em potencialidade mesmo para aquilo que dela provém; pois nunca se poderia dizer que a terra é potencialmente um homem, visto que

obviamente não é; mas antes se diz que ela é potencialmente um homem quando a semente já foi gerada a partir de uma matéria precedente. E talvez nunca seja potencialmente um homem, como será mostrado abaixo.

1833. Portanto, de modo semelhante (774).

Em segundo lugar, ele responde à questão que foi levantada; e sobre isso faz duas coisas. Primeiro, explica o tipo de disposição que a matéria deve ter para ser dita estar em potência para a atualidade. Segundo (1839), mostra que é apenas o que está na matéria que recebe seu nome da matéria disposta de uma maneira particular.

Quanto ao primeiro, deve-se entender, como ele disse acima no Livro VII (1411), que os efeitos de certas artes também podem ocorrer sem arte; pois, embora uma casa não seja produzida sem arte, a saúde pode ser produzida sem a arte da medicina através da operação da natureza sozinha. E embora o que vem a ser pela natureza possa não ser fortuito ou resultado do acaso, já que a natureza é uma causa eficiente no sentido próprio, enquanto a fortuna ou o acaso é uma causa eficiente em um sentido accidental, no entanto, porque aquele que é curado pela natureza é curado sem a aplicação de qualquer arte, diz-se que ele é curado por acaso. Pois nada impede que um efeito que não é fortuito em si mesmo seja dito fortuito em relação a alguém que não considera a causa própria de tal efeito.

1834. Daí ele diz que não é qualquer um, ou qualquer um disposto de qualquer maneira, que é curado pela medicina ou pelo acaso; mas é alguém que tem a capacidade em razão de uma disposição definida que é curado pela natureza ou pela arte; pois a todos os princípios ativos correspondem princípios passivos definidos. E é a coisa que tem essa capacidade, que a natureza ou a arte pode trazer a um estado de saúde atual por uma única ação, que é potencialmente saudável.

1835. E para que esse tipo de capacidade ou potência seja mais plenamente conhecido, ele acrescenta sua definição tanto com referência à operação da arte quanto à da natureza. (1) Daí ele diz que o capaz ou potencial é o que vem a existir atualmente a partir de existir potencialmente como resultado do intelecto ou da arte. Pois "a expressão inteligível", ou definição, do capaz é esta: é algo que o artista imediatamente traz à atualidade quando o quer, se nenhum impedimento externo o atrapalha. E o paciente é então dito potencialmente saudável, porque se torna saudável por uma única ação da arte. (2) No entanto, no caso daqueles que são curados pela natureza, cada um é dito potencialmente saudável quando não há nada impedindo a saúde que tenha que ser removido ou mudado antes que o poder curativo dentro do paciente produza seu efeito no ato de curar.

1836. Ora, o que dissemos sobre o ato de curar, que é produzido pela arte de curar, pode ser dito também sobre as outras atividades produzidas pelas outras artes. Pois a matéria é potencialmente uma casa quando nenhuma das coisas presentes na matéria impede que a casa seja trazida à existência imediatamente por uma única ação, e quando não há nada que deva ser adicionado ou retirado ou mudado antes que a matéria seja formada em uma casa, como o barro deve ser mudado antes que tijolos sejam feitos dele; e como algo deve ser retirado das árvores ao cortá-las e algo adicionado ao juntá-las para que uma casa possa ser trazida à existência. Barro e árvores,

então, não são potencialmente casas, mas tijolos e madeira já preparados o são.

1837. E o mesmo vale no caso de outras coisas, quer seu princípio de perfeição esteja fora delas, como no caso das coisas artificiais, quer dentro delas, como no caso das coisas naturais. E elas estão sempre em potência para a atualidade quando podem ser trazidas à atualidade por seu princípio eficiente próprio sem que nenhuma coisa externa as impeça.

No entanto, a semente não é assim, pois um animal deve ser produzido a partir dela através de muitas mudanças; mas quando por seu princípio ativo próprio, i.e., algo em estado de atualidade, já pode se tornar tal, então já está em potência.

1838. Mas aquelas coisas que têm que ser mudadas antes de serem imediatamente capazes de serem trazidas à atualidade requerem um princípio eficiente diferente, a saber, aquele que prepara a matéria, que às vezes é diferente daquele que a finaliza, que induz a forma final. Por exemplo, é óbvio que a terra ainda não é potencialmente uma estátua, pois não é trazida à atualidade por uma única ação ou por um único agente; mas primeiro é mudada pela natureza e se torna bronze, e depois se torna uma estátua pela arte.

1839. **Agora parece** (775).

Aqui ele mostra que um composto deriva seu nome de uma matéria que está em potência para o ato; e a respeito disso, faz três coisas.

Primeiro, mostra como um composto deriva seu nome da matéria, dizendo que o que é produzido a partir da matéria não é chamado de *aquilo* mas de *aquilo-en* (*ecinium*). Essa expressão não é usada em latim, mas é usada segundo o costume dos gregos para designar o que vem de outra coisa como de sua matéria, como se dissesse que a matéria não é predicada abstratamente do que dela provém, mas derivadamente, assim como um baú não é madeira, mas de madeira; e como a madeira não é terra, mas de terra. E, novamente, se a terra tivesse outra matéria anterior a ela, a terra não seria essa matéria, mas “aquilo-en”, isto é, não será predicada da terra abstratamente, mas derivadamente.

1840. No entanto, tal predicação é feita porque o que é potencial de maneira definida é sempre predicado da coisa que vem imediatamente depois dele. Por exemplo, a terra, que não se pode dizer que é potencialmente um baú, não é predicada de um baú nem abstrata nem derivadamente; pois um baú não é terra nem de terra, mas de madeira, porque a madeira é potencialmente um baú e a matéria de um baú. A madeira em geral é a matéria de um baú em geral, e esta madeira particular é a matéria deste baú particular.

1841. Mas se existe algo primeiro que não é referido a outra coisa como um “aquilo-en”, isto é, algo que não tem outra coisa predicada dele derivadamente da maneira acima, isso será a matéria primeira. Por exemplo, se o ar é a matéria da terra, como alguns disseram (86), o ar será predicado derivadamente da terra, de modo que a terra será dita ser de ar (ou aérea). E, similarmente, o ar será dito ser de fogo e não fogo, se o fogo é sua matéria. Mas se o fogo não recebe seu nome de nenhuma matéria anterior, ele será a matéria primeira segundo a posição de Heráclito (87). Mas aqui é necessário acrescentar “se é algo subsistente” para distingui-lo de um universal; pois um universal é predicado de outras coisas, mas outras coisas não são predicadas dele — no entanto,

não é matéria, pois não é algo subsistente. Pois um universal e um sujeito diferem porque um sujeito é uma coisa particular, enquanto um universal não é.

1842. **Por exemplo** (776).

Segundo, ele dá um exemplo de predicação derivada, dizendo que assim como o sujeito das modificações, por exemplo, homem, corpo ou animal, tem modificações predicadas dele derivadamente, de maneira semelhante a matéria é predicada derivadamente daquilo que provém da matéria. Ora, “a modificação é musical e branco”; mas o sujeito ao qual a música se acrescenta não é chamado música em abstrato, mas é chamado musical derivadamente; e o homem não é chamado brancura, mas branco. Nem o homem é chamado andar ou movimento em abstrato, mas o que anda ou é movido “como um aquilo-en”, isto é, o que recebe um nome [de outra coisa].

1843. **Portanto, todos** (777).

Terceiro, ele compara ambos os métodos de dar nomes às coisas. Diz que todos aqueles nomes que são predicados derivadamente dessa maneira, como os acidentes mencionados, têm a substância como sujeito último que os sustenta; mas em todos aqueles casos em que o predicado não é derivado, mas é uma forma ou uma coisa particular, como madeira ou terra, em tais predicções o sujeito último que sustenta o resto é a matéria ou substância material. E é apropriado “que o termo ‘aquilo-en’ aconteça de ser predicado” derivadamente “da matéria e dos atributos modificadores”, i.e., acidentes, ambos os quais são indeterminados. Pois um acidente é tornado determinado e definido por meio de seu sujeito, e a matéria por meio daquilo ao qual está em potência. Por fim, ele resume suas observações, e esta parte é evidente.

LIÇÃO 7 - A Prioridade Conceitual e Temporal do Ato em Relação à Potência e Vice-Versa

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 8: 1049b 4-1050a 3

“ 778. Uma vez que estabelecemos os diferentes sentidos em que o termo anterior é empregado (457), é evidente que o ato é anterior à potência. E por potência entendo não apenas aquela espécie definida que se diz ser um princípio de mudança em outra coisa enquanto outra, mas em geral todo princípio de movimento ou repouso. Pois a natureza também pertence à mesma coisa, já que está no mesmo gênero que a potência; pois é um princípio de movimento, embora não em outra coisa, mas em algo enquanto é o mesmo. Portanto, o ato é anterior a toda potência desse tipo tanto em inteligibilidade quanto em substância; e no tempo é anterior em um sentido, e em outro não.

779. É evidente, então, que o ato é anterior à potência em inteligibilidade; pois o que é potencial em sentido primário é potencial porque é possível que se torne ato. Quero dizer, por exemplo, que é o que é capaz de construir que pode construir, e o que é capaz de teorizar que pode teorizar, e o que é capaz de ser visto que pode ser visto. E o mesmo raciocínio também se aplica no caso de outras coisas; e portanto é necessário que a concepção ou conhecimento de um preceda o do outro.

780. E o ato é anterior à potência no tempo no sentido de que um ato que é especificamente, mas não numericamente, o mesmo que uma potência é anterior a ela. Quero dizer que a matéria e a semente e a coisa capaz de ver, que são um homem e grão e ver potencialmente, mas ainda não atualmente, são anteriores no tempo a este homem e ao grão e ao ato de ver que existem atualmente. Mas anteriores a estes existem outras coisas atualmente existentes a partir das quais estes foram produzidos; pois o que é atualmente é sempre produzido a partir de algo potencial por meio de algo que é atualmente. Assim,

o homem vem do homem e o músico do músico; pois há sempre algum primeiro motor, e um motor já é algo atual. E em nossas discussões anteriores (598; 611) sobre substância foi afirmado que tudo o que vem a ser é produzido a partir de algo, e isso é especificamente o mesmo que si mesmo.

781. E por essa razão parece ser impossível que alguém se torne construtor sem ter construído algo, ou que alguém se torne harpista sem ter tocado harpa. E o mesmo vale para todos os outros que estão aprendendo; pois quem aprende a tocar harpa aprende tocando-a. E o mesmo vale para outros casos.

782. Disso surgiu o argumento sofisticado de que quem não possui uma ciência estará realizando a coisa que é objeto dessa ciência; pois quem está aprendendo uma ciência não a possui.

783. Mas, como alguma parte do que está vindo a ser já veio a ser, e, em geral, alguma parte do que está sendo movido já foi movida (como ficou evidente em nossas discussões sobre o movimento), talvez quem está aprendendo uma ciência deva ter alguma parte dela. Portanto, também fica claro a partir disso que a atualidade é anterior à potência tanto no processo de geração quanto no tempo.

COMENTÁRIO

Prioridade do ato no tempo

1844. Tendo estabelecido a verdade sobre potência e atualidade, o Filósofo agora compara uma com a outra; e isso se divide em duas partes. Na primeira parte, ele as compara sob o ponto de vista de prioridade e posterioridade; na segunda (1883), em termos de ser melhor ou pior; e na terceira (1888), em referência ao conhecimento do verdadeiro e do falso.

Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, explica seu objetivo, dizendo que, uma vez que foi estabelecido acima, no Livro V (936), que o termo "anterior" é usado em sentidos diferentes, é evidente que a atualidade é anterior à potência de diferentes maneiras. E agora estamos falando de potência não apenas enquanto é um princípio de movimento em algo outro enquanto outro, como a potência ativa foi definida acima (1776), mas universalmente de todo princípio, seja ele um princípio que causa movimento, seja um princípio de imobilidade ou repouso, seja um princípio de ação desprovido de movimento (por exemplo, o entendimento), porque a natureza também parece pertencer à mesma coisa que a potência.

1845. Pois a *natureza* está no mesmo gênero que a própria potência, porque cada uma é um princípio de movimento, embora a natureza não seja um princípio de movimento em algo outro, mas na coisa em que está presente como tal, como é esclarecido no Livro II da Física. No entanto, a natureza é princípio não apenas do movimento, mas também da imobilidade.

Portanto, a atualidade é anterior a toda potência desse tipo tanto na inteligibilidade quanto na substância. E, em um sentido, também é anterior no tempo, e em outro, não.

1846. **É evidente** (779).

Em segundo lugar, ele prova sua tese. Primeiro, mostra que a atualidade é anterior à potência na inteligibilidade. Segundo (1847), mostra como é anterior no tempo e como não é. Terceiro (1856), mostra como é anterior na substância.

A primeira é provada da seguinte forma: tudo o que deve ser usado na definição de algo outro é anterior a ele em inteligibilidade, como animal é anterior a homem e sujeito a acidente. Mas a potência ou capacidade só pode ser definida por meio da atualidade, porque a primeira característica do capaz consiste na possibilidade de agir ou ser atual. Por exemplo, um construtor é definido como aquele que pode construir, e um teórico como aquele que pode teorizar, e o visível como o que pode ser visto; e o mesmo vale para outros casos. O conceito de atualidade deve, portanto, ser anterior ao conceito de potência, e o conhecimento da atualidade anterior ao conhecimento da potência. Por isso, Aristóteles explicou acima o que é potência definindo-a em referência à atualidade, mas não pôde definir a atualidade por meio de outra coisa, apenas a tornou conhecida indutivamente.

1847. **E a atualidade** (780).

Em seguida, ele mostra como a atualidade é anterior à potência no tempo e como não é. Quanto a isso, ele faz duas coisas. Primeiro, esclarece isso no caso das potências passivas; e segundo (1850), no caso de certas potências ativas.

Ele diz, então, (+) primeiro, que a atualidade é anterior à potência no tempo no sentido de que, na mesma espécie, o agente, ou o que é atual, é anterior ao que é potencial; mas (~) numericamente, em uma mesma e única coisa, o que é potencial é anterior no tempo ao que é atual.

1848. Isto se mostra da seguinte forma: se tomamos este homem que é agora realmente um homem, antes dele no tempo existiu uma matéria que era potencialmente um homem. E similarmente, a semente, que é potencialmente grão, era anterior no tempo ao que é realmente grão. E "a coisa capaz de ver", i.e., tendo o poder da visão, era anterior no tempo à coisa que realmente vê. E anteriores no tempo às coisas que têm ser potencial, existiam certas coisas que têm ser atual, a saber, agentes, pelos quais as primeiras foram trazidas à atualidade. Pois o que existe potencialmente deve ser sempre trazido à atualidade por um agente, que é um ser atual. Portanto, o que é potencialmente um homem torna-se realmente homem como resultado do homem que o gera, que é um ser atual; e similarmente, alguém que é potencialmente musical torna-se realmente musical ao aprender com um professor que é realmente musical. E assim, no caso de qualquer coisa potencial, há sempre alguma coisa primeira que a move, e este motor é atual.

Segue-se, então, que mesmo que a mesma coisa numericamente exista potencialmente antes no tempo do que exista atualmente, ainda assim há também algum ser atual da mesma espécie que é anterior no tempo àquele que existe potencialmente.

1849. E porque alguém poderia ficar perplexo sobre algumas das afirmações que ele fez, ele acrescenta que estas foram explicadas acima; pois foi apontado nas discussões anteriores sobre a substância — no Livro VII (1383; 1417) — que tudo que vem a ser vem de algo como matéria, e por algo como agente. E também foi dito acima que este agente é especificamente o mesmo que a coisa que vem a ser. Isto foi esclarecido no caso das gerações unívocas, mas no caso das gerações equívocas também deve haver alguma semelhança entre o gerador e a coisa gerada, como foi mostrado em outra parte (1444-47).

1850. **E por esta razão** (781).

Ele explica a sequência temporal de atualidade e potência no caso de certas potências ativas; e a respeito disto faz três coisas.

Primeiro, explica o que pretende fazer. Pois foi dito acima (1815) que existem certas potências operativas cujas próprias ações devem ser entendidas como realizadas ou exercidas de antemão, como aquelas adquiridas pela prática ou instrução. E a respeito destas ele diz aqui que naquelas coisas que são numericamente as mesmas, a atualidade também é anterior à potência. Pois parece impossível que alguém se torne construtor sem ter primeiro construído algo; ou que alguém se torne harpista sem ter primeiro tocado harpa.

1851. Ele tira esta conclusão dos pontos estabelecidos acima; pois foi dito acima (1848) que alguém que é potencialmente musical torna-se realmente musical como resultado de alguém que é realmente musical — significando que ele aprende com ele; e o mesmo vale para outras ações. Ora, não se poderia aprender uma arte deste tipo a menos que ele mesmo realizasse as ações associadas a ela; pois aprende-se a tocar harpa tocando harpa. Isto também é verdade para as outras artes. Foi mostrado, então, que é impossível ter potências deste tipo a menos que suas ações também estejam primeiro presentes em um mesmo sujeito numericamente.

1852. **Disto surgiu** (782).

Em segundo lugar, ele levanta uma objeção sofisticada contra a visão acima. Ele diz que "um argumento sofisticado surgiu", i.e., um silogismo aparentemente cogente que contradiz a verdade, e ele é o seguinte: quem está aprendendo uma arte exercita as ações dessa arte. Mas quem está aprendendo uma arte não tem essa arte. Portanto, alguém que não tem uma ciência ou uma arte está fazendo a coisa que é o objeto dessa ciência ou arte. Isto parece ser contrário à verdade.

1853. **Mas como alguns** (783).

Em terceiro lugar, ele responde a esta objeção estabelecendo uma posição que foi discutida e provada na *Física*, Livro VI; pois lá ele provou que ser movido é sempre anterior a ter sido movido, por causa da divisão do movimento. Pois sempre que qualquer parte de um movimento é dada, uma vez que é divisível, devemos ser capazes de escolher alguma parte dele que já foi completada, enquanto a parte do movimento dada está ocorrendo. Portanto, tudo que está sendo movido já foi parcialmente movido.

1854. E pelo mesmo argumento, tudo que está vindo a ser já veio parcialmente a ser; pois mesmo que o processo de produzir uma substância, com referência à introdução da forma substancial, seja

indivisível, ainda assim se tomarmos a alteração precedente cujo termo é a geração, o processo é divisível, e todo o processo pode ser chamado de produção. Portanto, uma vez que o que está vindo a ser veio parcialmente a ser, então o que está vindo a ser pode possuir em algum grau a atividade da coisa na qual a produção é terminada. Por exemplo, o que está se tornando quente pode aquecer algo em algum grau, mas não tão perfeitamente quanto algo que já se tornou quente. Portanto, uma vez que aprender é tornar-se científico, aquele que está aprendendo já deve ter, por assim dizer, alguma parte de uma ciência ou de uma arte. Não é absurdo, então, se ele exercitar a ação de uma arte em algum grau; pois ele não a faz tão perfeitamente quanto alguém que já tem a arte.

1855. Mas na própria razão também existem certas sementes ou princípios naturalmente inerentes das ciências e virtudes, através dos quais um homem pode passar em algum grau para a atividade de uma ciência ou virtude antes de ter o hábito da ciência ou virtude; e quando este foi adquirido ele age perfeitamente, enquanto no início agia imperfeitamente. Por fim, ele resume a discussão acima, como é evidente no texto.

LIÇÃO 8 - Prioridade da Atualidade sobre a Potência na Substância

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 8: 1050a 4-1050b 6

“ 784. Mas a atualidade é também anterior em substância; (1) porque aquelas coisas que são posteriores na geração são anteriores na forma e na substância; por exemplo, o homem é anterior ao menino, e o ser humano à semente; pois um já possui sua forma, mas o outro não.

785. E (2) porque tudo o que vem a ser move-se em direção a um princípio, a saber, seu objetivo [ou fim]. Pois aquilo em vista do qual uma coisa vem a ser é um princípio; e a geração é em vista do objetivo. E a atualidade é o objetivo, e é em vista disso que a potência é adquirida.

786. Pois os animais não veem para que possam ter o poder da visão, mas têm o poder da visão para que possam ver.

787. E da mesma forma os homens têm a ciência da construção para que possam construir, e têm o conhecimento teórico para que possam especular; mas não especulam para que possam ter conhecimento teórico, a menos que estejam aprendendo pela prática. E estes últimos não especulam [de modo perfeito], mas ou em algum grau ou porque não precisam especular.

788. Além disso, a matéria está em potência até o momento em que atinge sua forma; mas quando existe atualmente, então possui sua forma. E o mesmo vale no caso de outras coisas, mesmo daquelas cujo objetivo é o movimento. E por essa razão, assim como aqueles que ensinam pensam que atingiram seu objetivo quando exibem seu aluno realizando, assim também ocorre com a natureza.

789. Pois se não fosse assim, o Mercúrio de Pausão existiria novamente, porque não seria mais evidente se o conhecimento científico é interno ou externo, como ocorre com a figura de Mercúrio. Pois a atividade é o objetivo, e a atualidade é a atividade. E por essa razão o termo atualidade é usado em referência à

atividade e é estendido à completude.

790. Mas, embora no caso de algumas coisas o efeito último seja o uso (como, por exemplo, no caso da visão o efeito último é o ato de ver, e nenhuma outra obra além desta resulta do poder da visão), ainda assim de algumas potências algo mais é produzido; por exemplo, a arte de construir produz uma casa além do ato de construir. No entanto, em nenhum dos casos o ato é menos ou mais o fim da potência; pois o ato de construir está na coisa sendo construída, e ele vem a ser e existe simultaneamente com a casa. Portanto, naqueles casos em que o resultado é algo diferente do uso, a atualidade está na coisa sendo produzida; por exemplo, o ato de construir está na coisa sendo construída, e o ato de tecer na coisa sendo tecida. O mesmo vale em todos os outros casos. E, em geral, o movimento está na coisa sendo movida. Mas no caso daquelas coisas em que nada mais é produzido além da atividade, a atividade está presente nestas, como o ato de ver está naquele que vê, e o ato de especular naquele que especula, e a vida na alma. Consequentemente, a felicidade está na alma, pois é um tipo de vida.

791. É evidente, então, que a substância ou forma é atualidade. Portanto, fica claro segundo este argumento que a atualidade é anterior à potência em substância. E, como dissemos (780), uma atualidade é sempre anterior a outra no tempo, retrocedendo até aquela atualidade que é sempre o primeiro princípio do movimento.

COMENTÁRIO

Prioridade do ato substancialmente

1856. Tendo mostrado que a atualidade é anterior à potência na inteligibilidade e, em um sentido, no tempo, o Filósofo mostra agora que ela é anterior em substância. Esta era a terceira maneira dada acima (1845) pela qual a atualidade é anterior à potência.

Isso se divide em duas partes. Na primeira parte, ele prova sua tese por argumentos extraídos de coisas que são às vezes potenciais e às vezes atuais. Na segunda parte (1867), ele prova sua tese comparando as coisas eternas, que são sempre atuais, com as coisas móveis, que são às vezes atuais e às vezes potenciais ("Mas a atualidade").

E, visto que ser anterior em substância é ser anterior em perfeição, e visto que a perfeição é atribuída a duas coisas, a saber, à forma e ao objetivo [ou fim], portanto, na primeira parte ele usa dois argumentos para provar sua tese. O primeiro deles diz respeito à forma, e o segundo (1857) ao objetivo, dado nas palavras: "E porque".

Ele diz, então, primeiramente, que a atualidade é anterior à potência não apenas na inteligibilidade e no tempo, "mas em substância", i.e., em perfeição; pois a forma pela qual algo é aperfeiçoado é usualmente significadora pelo termo *substância*. Esta primeira parte é esclarecida por este

argumento: aquelas coisas que são posteriores na geração são "anteriores em substância e forma", i.e., em perfeição, porque o processo de geração vai sempre do imperfeito ao perfeito; por exemplo, no processo de geração, o homem é posterior ao menino, porque o homem vem do menino; e o ser humano é posterior à semente. A razão é que o homem e o ser humano já possuem uma forma perfeita, enquanto o menino e a semente ainda não possuem tal forma.

Logo, uma vez que, em um mesmo sujeito numericamente uno, a atualidade é posterior à potência tanto na geração quanto no tempo, como é evidente a partir do que foi dito acima, segue-se que a atualidade é anterior à potência na substância e na inteligibilidade.

1857. E (2) porque (785).

Aqui ele prova o mesmo ponto com um argumento envolvendo o objetivo da atividade. Primeiro, ele apresenta o argumento. Segundo (1858), ele explica um dos princípios assumidos em seu argumento ("Pois os animais"). Terceiro (1862), ele resolve uma questão que poderia causar dificuldade no argumento acima ("Mas enquanto").

Ele diz, portanto, primeiro, que tudo que vem a ser, quando se move em direção ao seu objetivo, move-se em direção a um princípio. Pois um objetivo, ou aquilo para o qual algo vem a ser, é um princípio porque é a primeira coisa intencionada por um agente, já que é para isso que a geração ocorre. Mas a atualidade é o objetivo da potência, e, portanto, a atualidade é anterior à potência e é um de seus princípios.

1858. Pois os animais (786).

Agora ele explica a posição que defendeu acima, ou seja, que a atualidade é o objetivo da potência. Ele torna isso claro, primeiro, no caso das potências ativas naturais. Ele diz (~) que os animais não veem para que possam ter o poder de visão, mas (+) eles têm o poder de visão para que possam ver. Assim, fica claro que a potência existe em função da atualidade e não vice-versa.

1859. E da mesma forma (787).

Segundo, ele torna a mesma coisa clara no caso das potências racionais. Ele diz que os homens têm o poder de construir para que possam construir; e eles têm "conhecimento teórico", ou ciência especulativa, para que possam especular. No entanto, eles não especulam para que possam ter conhecimento teórico, a menos que estejam aprendendo e meditando sobre aquelas matérias que pertencem a uma ciência especulativa para adquiri-la. E estes não especulam perfeitamente, mas até certo ponto e imperfeitamente, como foi dito acima (1853-55), porque a especulação não é empreendida por causa de alguma necessidade, mas em função do uso da ciência já adquirida. Mas há especulação por parte daqueles que aprendem devido à necessidade de adquirir ciência.

1860. Além disso, a matéria (788).

Terceiro, ele torna o mesmo ponto claro no caso das potências passivas. Ele diz que a matéria está em potência até receber uma forma ou princípio especificador, mas então ela está primeiro em estado de atualidade quando recebe sua forma. E isso é o que ocorre em todas as outras coisas que são movidas em função de um objetivo. Portanto, assim como aqueles que ensinam pensam

ter alcançado seu objetivo quando exibem seu aluno, a quem instruíram, realizando aquelas atividades que pertencem à sua arte, de maneira semelhante a natureza alcança seu objetivo quando atinge a atualidade. Logo, torna-se evidente, no caso do movimento natural, que a atualidade é o objetivo da potência.

1861. Pois se isso não fosse (789).

Quarto, ele prova sua tese com um argumento a partir das consequências insustentáveis. Ele diz que se a perfeição e o objetivo de uma coisa não consistissem na atualidade, então não pareceria haver diferença entre alguém sábio, como Mercúrio, e alguém tolo, como Páuson. Pois se a perfeição da ciência não estivesse naquele que age, Mercúrio não a teria exibido em sua própria ciência, se ele tivesse "conhecimento científico interno", i.e., em referência à sua atividade interna, "ou externo", i.e., em referência à sua atividade externa, assim como Páuson também não. Pois é por meio do uso atual do conhecimento científico, e não por meio da potência ou poder, que se mostra ter uma ciência; porque a atividade é o objetivo de uma ciência, e a atividade é um tipo de atualidade.

E por esta razão o termo atualidade é derivado da atividade, como foi dito acima (1805); e a partir disso foi estendido à forma, que é chamada de completude ou perfeição.

1862. Mas enquanto (790).

Ele explica um ponto que poderia causar dificuldade no argumento anterior. Pois, como ele havia dito que algum produto é o objetivo da atividade, alguém poderia pensar que isso é verdadeiro em todos os casos. Mas ele nega isso, dizendo que o objetivo ou fim último de algumas potências ativas consiste no mero uso dessas potências, e não em algo produzido por sua atividade; por exemplo, o objetivo último do poder de visão é o ato de ver, e não há produto resultante do poder de visão além desta atividade. Mas, no caso de algumas potências ativas, algo mais é produzido além da atividade; por exemplo, a arte de construir também produz uma casa além da atividade de construir.

1863. Todavia, essa diferença não faz com que a atualidade seja o fim da potência em menor grau em algumas dessas potências e em maior grau em outras; pois a atividade está na coisa produzida, como o ato de edificar na coisa que está sendo edificada; e ela vem a ser e existe simultaneamente com a casa. Portanto, se a casa, ou a coisa edificada, é o fim, isso não exclui que a atualidade seja o fim da potência.

1864. Ora, é necessário considerar tal diferença entre as potências mencionadas, porque (1) quando algo além da atualidade dessas potências, que é a atividade, é produzido, a atividade de tais potências está na coisa que está sendo produzida e é a sua atualidade, assim como o ato de edificar está na coisa que está sendo edificada, e o ato de tecer na coisa que está sendo tecida, e, em geral, o movimento na coisa que está sendo movida.

E isso é verdade, porque quando algum produto resulta da atividade de uma potência, a atividade aperfeiçoa a coisa que está sendo produzida e não aquele que a realiza. Portanto, ela está na coisa produzida como sua atualidade e perfeição, mas não naquele que está agindo.

1865. Mas (2) quando nada além da atividade da potência é produzido, a atualidade então existe no agente como sua perfeição e não passa para algo externo para aperfeiçoá-lo; por exemplo, o ato de ver está naquele que vê como sua perfeição, e o ato de especular está naquele que especula, e a vida está na alma (se entendemos por vida a atividade vital). Portanto, foi mostrado que a felicidade também consiste em uma atividade do tipo que existe naquele que age, e não do tipo que passa para algo externo; pois a felicidade é um bem daquele que é feliz, ou seja, sua vida perfeita. Logo, assim como a vida está naquele que vive, de maneira semelhante a felicidade está naquele que é feliz. Assim, é evidente que a felicidade não consiste nem na construção nem em qualquer atividade do tipo que passa para algo externo, mas consiste no entendimento e na vontade.

1866. **É evidente** (791).

Por último, ele refaz seus passos para tirar a conclusão principal que tem em mente. Ele diz que foi mostrado pela discussão acima que a substância ou forma ou princípio especificador de uma coisa é um tipo de atualidade; e a partir disso é evidente que a atualidade é anterior à potência em substância ou forma. E é anterior no tempo, como foi dito acima (1848), porque a atualidade pela qual o gerador ou movente ou fazedor é atual deve sempre existir primeiro antes da outra atualidade pela qual a coisa gerada ou produzida se torna atual após ser potencial.

E isso continua até se chegar ao primeiro movente, que é apenas atualidade; pois tudo o que passa da potência à atualidade requer uma atualidade anterior no agente, que o traga à atualidade.

LIÇÃO 9 - A Prioridade Substancial da Atualidade nas Coisas Incorrúptíveis

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 8: 1050b 6-1051a 3

“ 792. Mas a atualidade é anterior à potência num sentido mais fundamental; pois as coisas eternas são anteriores em substância às corrúptíveis, e nada eterno é potencial.

793. A razão disso é que toda potência é ao mesmo tempo uma potência para determinações opostas. Pois o que é incapaz de existir não existe de modo algum; e é possível que tudo o que é capaz de existir não exista atualmente. Portanto, tudo o que é capaz de existir pode ser ou não ser, e assim a mesma coisa é capaz tanto de ser quanto de não ser. Mas o que é capaz de não ser pode possivelmente não ser; e o que pode possivelmente não ser é corrúptível: ou absolutamente, ou no sentido em que se diz que é possível para ele não ser, seja segundo o lugar, seja segundo a quantidade, seja segundo a qualidade. E o termo absolutamente significa em referência à substância.

794. Portanto, nada que é incorrúptível em sentido absoluto é potencial em sentido absoluto. Mas nada impede que o seja em outros aspectos, por exemplo, em referência à qualidade ou ao lugar. Portanto, todas as coisas incorrúptíveis são atuais.

795. E nenhuma daquelas coisas que existem necessariamente é potencial. De fato, tais coisas são as primeiras; pois se elas não existissem, nada existiria.

796. Tampouco o movimento eterno é potencial, se existe tal coisa; e se algo é movido eternamente, não é movido potencialmente, exceto em referência ao ponto de onde e para onde. E nada impede que a matéria desse tipo de coisa exista.

797. E por esta razão o sol, os astros e todo o céu estão sempre em atividade, e não há necessidade de temer, como fazem os filósofos da natureza, que em algum momento possam parar. Nem se cansam em sua atividade; pois neles

não há potência para determinações opostas, como há nas coisas corruptíveis, de modo que a continuidade de seu movimento se torne cansativa. Pois a causa disso é que sua substância é matéria e potência, e não atualidade.

798. Além disso, as coisas incorruptíveis são imitadas por aquelas que estão em estado de mudança, como o fogo e a terra; pois estas últimas estão sempre ativas, já que possuem movimento em si mesmas e por si mesmas.

799. Mas todas as outras potências que foram definidas são potências para determinações opostas; pois aquilo que é capaz de mover outra coisa desta maneira também é capaz de não movê-la desta maneira, isto é, todas as coisas que agem pela razão. E as potências irracionais também serão potências para determinações opostas por estarem ausentes ou não.

800. Se, então, existem naturezas ou substâncias como aquelas que os pensadores, em suas teorias, proclamam ser as Ideias, haverá algo muito mais científico do que a própria ciência, e algo muito mais móvel do que o próprio movimento; pois o primeiro será antes a atualidade e o segundo a potência destes. Portanto, é evidente que a atualidade é anterior à potência e a todo princípio de mudança.

COMENTÁRIO

O ato é anterior nas coisas incorruptíveis

1867. Aristóteles provou acima que a atualidade é anterior à potência em substância, definição e perfeição, por argumentos extraídos das próprias coisas corruptíveis; mas aqui prova o mesmo ponto comparando as coisas eternas com as corruptíveis.

Esta parte se divide em duas seções. Na primeira (1867), ele prova sua tese; e na segunda (1882), pela tese assim provada, ele rejeita uma certa afirmação feita por Platão (“Se, então”).

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, prova sua tese. Isso ele faz pelo seguinte argumento: as coisas eternas são comparadas às corruptíveis como a atualidade à potência; pois as coisas eternas como tais não estão em potência, enquanto as coisas corruptíveis como tais estão em potência. Mas as coisas eternas são anteriores às corruptíveis em substância e perfeição; pois isso é evidente (1856). Portanto, a atualidade é anterior à potência tanto em substância quanto em perfeição. Ele diz que sua tese é provada de maneira mais própria por este argumento, porque a atualidade e a potência não são consideradas no mesmo sujeito, mas em sujeitos diferentes, e isso torna a prova mais evidente.

1868. **A razão** (793).

Segundo, ele prova uma suposição que fez, a saber, que nada eterno está em potência; e quanto a isso faz duas coisas. Primeiro, apresenta um argumento para provar isso, que é o seguinte: toda

potência é, ao mesmo tempo, potência para determinações opostas. Ora, ele não diz isso sobre a potência ativa, pois já foi mostrado (1789) que as potências irracionais não são potências para determinações opostas; mas ele fala aqui da potência passiva, com base na qual se diz que uma coisa é capaz de ser e não ser, seja de modo absoluto, seja de modo qualificado.

1869. Agora, a afirmação que ele fez, ele prova por um argumento contrário; porque onde tal potência não existe, nenhuma das determinações opostas é possível; pois o que é incapaz de ser nunca existe de modo algum. Pois se uma coisa é incapaz de ser, é impossível que ela seja, e é necessário que ela não seja. Mas o que é capaz de ser pode possivelmente não ser atual. Portanto, é evidente que o que é capaz de ser pode tanto ser quanto não ser; e assim a potência é, ao mesmo tempo, potência para determinações opostas, porque a mesma coisa está em potência tanto para o ser quanto para o não ser.

1870. Mas o que é capaz de não ser pode possivelmente não ser, pois estas duas afirmações são equivalentes. Além disso, o que pode possivelmente não ser é corruptível, seja de modo absoluto, seja de modo qualificado, na medida em que se diz que é possível para ele não ser. Por exemplo, se é possível para algum corpo não estar em um lugar, esse corpo é corruptível no que diz respeito ao lugar; e o mesmo se aplica à quantidade e à qualidade. Mas aquilo que é corruptível em sentido absoluto é o que é capaz de não existir substancialmente. Portanto, segue-se que tudo o que é potencial, enquanto potencial, é corruptível.

1871. **Portanto, nada** (794).

Segundo, ele extrai do que foi dito a conclusão a que visa; e quanto a isso faz três coisas. Primeiro, conclui esta tese sobre as coisas eternas, inferindo das observações feitas acima que, se tudo o que é potencial é corruptível, segue-se que nada que seja incorruptível em sentido absoluto é um ser potencial, desde que entendamos as coisas incorruptíveis em sentido absoluto e o ser potencial (ser em potência) em sentido absoluto em referência à substância.

1872. Mas nada impede que algo absolutamente incorruptível seja potencial (+) em sentido qualificado, seja em relação à qualidade, seja em relação ao lugar. Por exemplo, a lua está em estado de potência para ser iluminada pelo sol; e quando o sol está no oriente, ela está em estado de potência para estar no ocidente. É evidente, então, a partir do que foi dito, que todas as coisas eternas, como tais, são atuais.

1873. **E nenhuma** (795).

Em segundo lugar, ele chega à mesma conclusão sobre as coisas necessárias que chegou sobre as coisas eternas, porque mesmo nas coisas corruptíveis existem certos aspectos necessários; por exemplo, o homem é um animal, e todo todo é maior que sua parte. Por isso, ele diz que nada necessário é potencial; pois as coisas necessárias são sempre atuais e incapazes de ser ou não ser. E aquelas coisas que são necessárias são as primeiras de todas as coisas, porque, se deixassem de existir, nenhuma das outras existiria; por exemplo, se os predicados essenciais, que são referidos a um sujeito necessariamente, fossem removidos, os predicados acidentais, que podem estar presentes e não presentes em algum sujeito, não poderiam estar presentes em nenhum sujeito. Segue-se, então, que a atualidade é anterior à potência.

1874. **Nem é** (796).

Em terceiro lugar, ele chega à mesma conclusão sobre o movimento eterno que chegou sobre as substâncias eternas; e a respeito disso ele faz três coisas. Primeiro, a partir do que foi dito acima, ele conclui sua tese. Ele diz que, se algum movimento é eterno, esse movimento não é potencial; nem algo que é movido eternamente está em estado de potência para o movimento, mas está em estado de potência para este ou aquele lugar, ou seja, na medida em que vai deste lugar para aquele lugar. Pois, como o movimento é a atualidade de algo em potência, tudo que está sendo movido deve estar em potência para o objetivo daquele movimento, não, porém, quanto ao movimento em si, mas quanto a algum lugar para o qual tende por seu movimento.

1875. E uma vez que o que está sendo movido deve ter matéria, ele acrescenta que nada impede que uma coisa que é movida por um movimento eterno tenha matéria; porque, embora não esteja em potência para o movimento em sentido absoluto, está, no entanto, em potência para este ou aquele lugar.

1876. **E por isso** (797).

Em segundo lugar, ele extrai um corolário da discussão acima. Pois, como o que é movido por um movimento eterno não está em potência para o movimento em si (e o movimento dos céus é eterno, segundo a discussão no Livro VIII da *Física*), segue-se que o sol, a lua, as estrelas e todo o céu estão sempre ativos, porque estão sempre sendo movidos e agindo por meio de seu movimento.

1877. Nem se deve temer que em algum tempo o movimento dos céus cesse, como "alguns dos filósofos da natureza temeram que acontecesse", a saber, Empédocles e seus seguidores, que sustentavam que às vezes o mundo é destruído pela discórdia e restaurado novamente pela amizade. Por isso, ele diz que isso não deve ser temido, porque eles não são potencialmente imóveis.

1878. E por essa razão também as coisas incorruptíveis, na medida em que são movidas, não se cansam em sua atividade, porque "a potência para determinações opostas" não se encontra nelas, ou seja, a capacidade de ser tanto movido quanto não movido, como se encontra nas coisas corruptíveis, que têm isso como resultado do movimento. E assim, desse modo, o movimento contínuo torna-se laborioso para elas. Pois as coisas corruptíveis labutam na medida em que são movidas; e a razão é que elas estão em estado de potência tanto para ser movidas quanto para não ser movidas, e não é próprio delas, por sua natureza substancial, estar sempre sofrendo movimento. Por isso, vemos que quanto mais laborioso é qualquer movimento, mais a natureza da coisa se aproxima da imobilidade; por exemplo, no caso dos animais, é evidente que o movimento em direção ascendente é mais laborioso.

1879. Ora, o que ele diz aqui sobre a continuidade do movimento celeste está de acordo com a natureza de um corpo celeste, que conhecemos por experiência.

Mas isso não prejudica a vontade divina, da qual dependem o movimento e o ser dos céus.

1880. **Além disso, as coisas incorruptíveis** (798).

Em terceiro lugar, ele compara os corpos corruptíveis com os incorruptíveis do ponto de vista da atividade. Primeiro, ele faz isso na medida em que são semelhantes. Ele diz que os corpos daquelas coisas cujo ser envolve mudança se assemelham aos corpos incorruptíveis na medida em que estão sempre agindo; por exemplo, o fogo, que por si mesmo sempre produz calor, e a terra, que por si mesma sempre produz atividades próprias e naturais. E isso é verdade porque elas têm movimento e sua própria atividade própria por si mesmas — na medida em que suas formas são princípios de tais movimentos e atividades.

1881. Mas todas as outras (799).

Em segundo lugar, ele os compara na medida em que são dessemelhantes. Ele diz que, em contraste com as coisas eternas, que são sempre atuais, as outras potências das coisas móveis, sobre as quais a verdade foi estabelecida acima, são todas potências para determinações opostas. Mas isso se verifica de maneira diferente; pois (1) as potências racionais são potências capazes de determinações opostas porque podem mover-se desta forma ou não, como foi dito acima (1789); enquanto (2) as potências irracionais, embora ajam de uma única maneira, também são elas próprias potências de determinações opostas, visto que podem estar presentes em um sujeito ou não; por exemplo, um animal pode perder sua capacidade de visão.

1882. Se, então (800).

Como resultado do que foi dito, ele rejeita uma doutrina de Platão. Pois Platão afirmava que existem certas Formas separadas, que ele considerava como tendo o ser no mais alto grau; digamos, uma ciência separada, que ele chamava de ciência-em-si; e ele dizia que esta é a principal na classe das entidades cognoscíveis. E, da mesma forma, ele sustentava que o movimento-em-si é o principal na classe das coisas móveis. Mas, de acordo com os pontos esclarecidos acima, algo além da ciência-em-si será o primeiro na classe das coisas cognoscíveis; pois foi mostrado que a atualidade é anterior à potência em perfeição, e a própria ciência é uma espécie de potência. Portanto, a especulação, que é a atividade da ciência, será mais perfeita do que a ciência; e o mesmo se aplicará no caso de outras coisas deste tipo. Por fim, ele resume sua discussão, dizendo que a atualidade é anterior à potência e a todo princípio de movimento.

LIÇÃO 10 - A Excelência Relativa da Atualidade e da Potência

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 9: 1051a 4-1051a 33

“ 801. Além disso, que a atualidade é também melhor e mais excelente e mais honrosa do que a boa potência é evidente a partir do seguinte: todas as coisas que são ditas como potenciais são igualmente capazes de determinações contrárias; por exemplo, o que é dito ser capaz de estar bem é o mesmo que é capaz de estar doente, e possui simultaneamente ambas as capacidades; pois é a mesma potência que é capaz de estar bem e de estar doente, e de estar em repouso e em movimento, e de construir e demolir, e de ser construído e ser demolido. Portanto, a capacidade para determinações contrárias pertence à mesma coisa ao mesmo tempo; mas é impossível que determinações contrárias pertençam à mesma coisa ao mesmo tempo, por exemplo, estar bem e estar doente. Logo, uma destas deve ser boa; mas a potência pode ser ambas igualmente ou nenhuma; e, portanto, a atualidade é melhor.

802. E também no caso das coisas más, o objetivo ou atualidade deve ser pior do que a potência; pois é a mesma potência que é capaz de ambos os contrários.

803. É claro, então, que o mal não existe separado das coisas; pois o mal é, por sua própria natureza, posterior à potência.

804. Portanto, naquelas coisas que existem desde o princípio e são eternas, não há mal, nem erro, nem corrupção; pois a corrupção pertence às coisas más.

805. E é também pela atividade que as construções geométricas são descobertas, porque são descobertas pela divisão. Pois se já tivessem sido divididas, seriam evidentes; mas agora estão presentes potencialmente. Por que, por exemplo, os ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos? Porque os ângulos agrupados em torno de um ponto são iguais a dois ângulos retos. Logo, se a linha próxima a um dos lados fosse estendida, a resposta seria clara para qualquer um que visse a construção. Novamente, por que um ângulo

em um semicírculo é sempre um ângulo reto? Porque, se suas três linhas são iguais, duas das quais formam a base e a outra repousa sobre o ponto médio da base, a resposta será evidente para qualquer um que veja a construção e conheça a proposição anterior. Portanto, é evidente que as construções que existem potencialmente são descobertas quando são trazidas à atualidade; e a razão é que a compreensão intelectual de uma coisa é uma atualidade. Logo, a potência procede de uma atualidade, e é porque as pessoas fazem essas construções que elas alcançam conhecimento delas. Pois em uma coisa numericamente una e mesma, a atualidade é posterior na ordem da geração.

COMENTÁRIO

O ato é melhor nas coisas boas

1883. Tendo comparado a atualidade e a potência do ponto de vista da prioridade e posterioridade, o Filósofo agora as compara do ponto de vista do bem e do mal; e a respeito disso ele faz duas coisas.

Primeiro, ele diz que no caso das coisas boas a atualidade é melhor do que a potência; e isso ficou claro pelo fato de que o potencial é o mesmo que o que é capaz de determinações contrárias; por exemplo, o que pode estar bem também pode estar doente e está em potência para ambos ao mesmo tempo. A razão é que a potência para ambos é a mesma — para estar bem e estar doente, e para estar em repouso e em movimento, e para outros opostos deste tipo. Assim, é evidente que uma coisa pode estar em potência para determinações contrárias, embora determinações contrárias não possam ser atuais ao mesmo tempo. Portanto, tomando cada par contrário separadamente, um é bom, como a saúde, e o outro é mau, como a doença. Pois no caso dos contrários, um dos dois sempre tem o caráter de algo defeituoso, e isso pertence ao mal.

1884. Portanto, o que é realmente bom é o bem em si mesmo. Mas a potência pode estar relacionada “a ambos” igualmente, ou seja, em sentido qualificado — como estando em potência. Contudo, não está em sentido absoluto — como estando em ato. Segue-se, então, que o ato é melhor que a potência; porque o que é bom em sentido absoluto é melhor do que o que é bom em sentido qualificado e está conectado ao mal.

1885. **E também** (802).

Em segundo lugar, ele mostra, por outro lado, que no caso das coisas más, o ato é pior que a potência; e a respeito disso faz três coisas.

Primeiro, prova sua tese pelo argumento introduzido acima; pois o que é mau em sentido absoluto e não está disposto ao mal em sentido qualificado é pior do que o que é mau em sentido qualificado e está disposto tanto ao mal quanto ao bem. Logo, uma vez que a potência para o mal ainda não é má, exceto em sentido qualificado (e a mesma potência está disposta ao bem, já que é a mesma potência que se relaciona a determinações contrárias), segue-se que o mal atual é pior que a potência para o mal.

1886. É claro, então (803).

Em segundo lugar, ele conclui do que foi dito que o mal em si não é uma natureza distinta de outras coisas que são boas por natureza; pois o mal em si é posterior por natureza à potência, porque é pior e está mais afastado da perfeição. Logo, já que uma potência não pode ser algo existente separado de uma coisa, muito menos o mal em si pode ser algo separado de uma coisa.

1887. Por isso, naquelas (804).

Em terceiro lugar, ele tira outra conclusão. Pois, se o mal é pior que a potência, e não há potência nas coisas eternas, como foi mostrado acima (1867), então nas coisas eternas não haverá nem mal, nem erro, nem qualquer outra corrupção; pois a corrupção é um tipo de mal. Mas isso deve ser entendido na medida em que são eternas e incorruptíveis; pois nada impede que sejam corrompidas quanto ao lugar ou a algum outro acidente desse tipo.

1888. E isso é (805).

Tendo comparado potência e ato do ponto de vista da prioridade e posterioridade e do bem e do mal, ele agora os compara com referência ao entendimento do verdadeiro e do falso. A respeito disso faz duas coisas. Primeiro (805:C 1888), compara-os com referência ao ato de entender; e segundo (806:C 1895), com referência ao verdadeiro e ao falso (“Agora os termos”).

Ele diz, portanto, primeiro (805), que “as construções geométricas”, i.e., as descrições geométricas, “são descobertas”, i.e., tornadas conhecidas por descoberta no traçado real das figuras. Pois os geômetras descobrem a verdade que buscam dividindo linhas e superfícies. E a divisão traz à existência atual as coisas que existem potencialmente; pois as partes de um todo contínuo estão no todo potencialmente antes que a divisão ocorra. No entanto, se tudo tivesse sido dividido na medida necessária para descobrir a verdade, as conclusões que estão sendo buscadas seriam então evidentes. Mas, como divisões desse tipo existem potencialmente no primeiro traçado das figuras geométricas, a verdade que está sendo buscada não se torna evidente imediatamente.

1889. Ele explica isso por meio de dois exemplos, e o primeiro deles diz respeito à pergunta: “Por que os ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos?”, i.e., por que um triângulo tem três ângulos iguais a dois ângulos retos? Isso é demonstrado da seguinte forma.

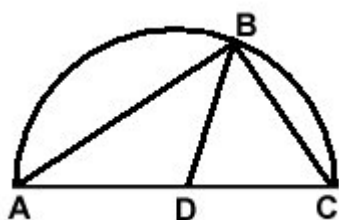


Seja ABC um triângulo cuja base AC é estendida continuamente e em linha reta. Essa base estendida, então, junto com o lado BC do triângulo, forma um ângulo no ponto C, e esse ângulo externo é igual aos dois ângulos internos opostos a ele, i.e., os ângulos ABC e BAC. Ora, é evidente que os dois ângulos no ponto C, um exterior ao triângulo e o outro interior, são iguais a

dois ângulos retos; pois foi mostrado que, quando uma linha reta cai sobre outra linha reta, ela faz dois ângulos retos ou dois ângulos iguais a dois ângulos retos. Segue-se, então, que o ângulo interno no ponto C, junto com os outros dois ângulos internos que são iguais ao ângulo externo, i.e., todos os três ângulos, são iguais a dois ângulos retos.

1890. É isso, então, que o Filósofo quer dizer quando afirma que pode ser demonstrado que um triângulo tem dois ângulos retos, porque os dois ângulos que se encontram no ponto C, um dos quais é interior ao triângulo e o outro exterior, são iguais a dois ângulos retos. Logo, quando um ângulo é construído que cai fora do triângulo e é formado por um de seus lados, torna-se imediatamente evidente para quem vê a disposição da figura que um triângulo tem três ângulos iguais a dois ângulos retos.

1891. O segundo exemplo diz respeito à pergunta: “Por que todo ângulo em um semicírculo é um ângulo reto?” Isso é demonstrado da seguinte forma.



Seja ABC um semicírculo, e em qualquer ponto B, exista um ângulo subtendido pela base AC, que é o diâmetro do círculo. Afirmando, então, que o ângulo B é um ângulo reto. Isso se prova da seguinte forma: como a linha AC é o diâmetro do círculo, ela deve passar pelo centro. Portanto, ela é dividida ao meio no ponto D, e isso é feito pela linha DB. Logo, a linha DB é igual à linha DA, porque ambas são traçadas do centro à circunferência. No triângulo DBA, então, o ângulo B e o ângulo A são iguais, porque em todo triângulo que tem dois lados iguais, os ângulos acima da base são iguais. Assim, os dois ângulos A e B juntos são o dobro do ângulo B sozinho. Mas o ângulo BDC, por ser exterior ao triângulo, é igual aos dois ângulos separados A e B. Portanto, o ângulo BDC é o dobro do ângulo B sozinho.

1892. E demonstra-se da mesma forma que o ângulo C é igual ao ângulo B do triângulo BDC, porque os dois lados DB e DC são iguais, pois são traçados do centro à circunferência, e o ângulo exterior, ADB, é igual a ambos. Logo, ele é o dobro do ângulo B sozinho. Portanto, os dois ângulos ADB e BDC juntos são o dobro do ângulo inteiro ABC. Mas os dois ângulos ADB e BDC são ângulos retos ou iguais a dois ângulos retos, porque a linha DB incide sobre a linha AC. Logo, o ângulo ABC, que está em um semicírculo, é um ângulo reto.

1893. É isso que o Filósofo quer dizer quando afirma que o ângulo em um semicírculo pode ser demonstrado como um ângulo reto, porque as três linhas são iguais, a saber, as duas nas quais a base é dividida, isto é, DA e DC, e a terceira linha, BD, que é traçada do meio dessas duas linhas e repousa sobre elas. E é imediatamente evidente para quem vê esta construção, e que conhece os princípios da geometria, que todo ângulo em um semicírculo é um ângulo reto.

1894. Portanto, o Filósofo conclui que foi demonstrado que, quando algumas coisas são trazidas da potência ao ato, sua verdade é então descoberta. A razão para isso é que o entendimento é uma

atualidade e, portanto, aquelas coisas que são entendidas devem ser atuais. E por esta razão, a potência é conhecida pelo ato. Assim, é fazendo algo atual que os homens alcançam o conhecimento, como é evidente nas construções descritas acima. Pois, numa mesma coisa numericamente, a atualidade deve ser posterior à potência na geração e no tempo, como foi demonstrado acima.

LIÇÃO 11 - A Referência da Verdade e da Falsidade à Atualidade. A Exclusão da Falsidade das Coisas Simples e Eternas

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 10: 1051a 34-1052a 11

806. *Ora, os termos ser e não-ser são usados, num sentido, com referência às figuras categóricas; noutro, com referência à potencialidade ou atualidade destas ou de seus contrários; e, ainda noutro sentido, são referidos mais propriamente à verdade e à falsidade.*

807. *E, nas coisas, isso consiste em ser combinado ou ser separado. Portanto, aquele que pensa que o que está separado está separado, e que o que está combinado está combinado, está certo; mas aquele que pensa acerca das coisas de modo diferente do que elas são, está errado. E é necessário considerar o que queremos dizer quando afirmamos que a verdade e a falsidade existem ou não existem. Pois não é porque estamos certos ao pensar que és branco que tu és branco, mas é porque tu és branco que, ao dizer isso, falamos a verdade.*

808. *Portanto, se algumas coisas estão sempre combinadas e é impossível que sejam separadas, e outras estão sempre separadas e é impossível que sejam combinadas, e outras admitem ambos os contrários, então o ser consiste em ser combinado e ser um, e o não-ser consiste em não ser combinado e ser múltiplo. Portanto, com relação às coisas contingentes, a mesma opinião ou enunciado torna-se verdadeiro e falso, e é possível que, num tempo, seja verdadeiro e, noutro, seja falso. Mas, com relação àquelas coisas que são incapazes de ser de outro modo senão como são, uma opinião não é ora verdadeira e ora falsa, mas uma é sempre verdadeira e a outra sempre falsa.*

809. No entanto, com relação às coisas que não são compostas, o que é o ser e o não-ser, e o que é a verdade e a falsidade? Pois tais coisas não são compostas, de modo a existirem quando combinadas e não existirem quando separadas; por exemplo, a proposição "A madeira é branca", ou a proposição "A diagonal é incomensurável". Nem a verdade e a falsidade ainda estarão presentes nelas da mesma forma que nas outras coisas. E assim como a verdade não é a mesma nestas coisas, de modo semelhante, tampouco o ser é o mesmo.

810. Mas a verdade ou a falsidade é como se segue: entrar em contato com uma coisa e expressá-la é a verdade (pois a expressão não é o mesmo que a afirmação), e não entrar em contato com uma coisa é a ignorância. Pois é impossível ser enganado acerca da quiddidade de uma coisa, exceto num sentido accidental; e o mesmo vale no caso das coisas incompostas, pois é impossível ser enganado acerca delas.

811. E elas são todas atuais e não potenciais, pois, de outro modo, seriam geradas e corrompidas. Mas o próprio ser não é gerado nem corrompido; do contrário, seria gerado a partir de algo. Portanto, com respeito a todas aquelas coisas que são realmente quiddidades e atualidades, é impossível ser enganado acerca delas, mas é necessário ou conhecê-las ou não. Mas acerca delas podemos perguntar o que são, isto é, se são tais e tais ou não.

812. Agora, considerando o ser no sentido de verdade e o não-ser no sentido de falsidade, no caso dos seres compostos há verdade se a coisa está combinada com o atributo que lhe é atribuído; no caso dos seres simples, a coisa é simplesmente assim. E se uma coisa é verdadeiramente um ser, ela o é de algum modo particular; mas se não é, ela não existe de modo algum. Novamente, a verdade significa conhecer esses seres, e não há nem falsidade nem engano acerca deles, mas apenas ignorância; mas não uma ignorância como a cegueira, pois a cegueira é como se alguém não tivesse capacidade intelectual alguma.

813. Quanto às coisas imóveis, é evidente que não há engano sobre elas no que diz respeito ao tempo, se alguém supõe que são imóveis. Por exemplo, se alguém supõe que um triângulo não muda, não opinará que ora seus ângulos são iguais a dois retos e ora não são; pois, do contrário, ele mudaria. Mas poderia supor que uma coisa tem tal e tal propriedade e que outra não tem; por exemplo, alguém poderia supor que nenhum número par é primo, ou que alguns são e alguns não são. Mas isso é impossível no que diz respeito a um único número; pois não se suporá que uma coisa é assim e outra não; mas, quer ele fale verdadeiramente ou falsamente, a coisa está sempre disposta da mesma maneira.

Verdade e falsidade

1895. Aqui o Filósofo compara a atualidade à potência com referência à verdade e à falsidade; e quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, afirma que a verdade e a falsidade se referem principalmente à atualidade. Segundo (1896), explica o que pretende fazer ("E nas coisas"). Terceiro (1917), extrai um corolário ("E quanto às").

Assim, ele diz, primeiro, que, uma vez que o ser e o não ser, que é seu oposto, são divididos de duas maneiras: primeiro, nas diferentes categorias — substância, quantidade, qualidade e assim por diante; e segundo, na potência e atualidade de um ou outro dos contrários (já que um dos dois contrários pode ser atual ou potencial), segue-se que verdadeiro e falso são predicados mais propriamente do que é atual.

1896. **E nas coisas** (807).

Agora ele prova sua tese; e quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, torna isso claro no caso das substâncias contínuas; e segundo (1901), no das substâncias simples ("No entanto, com relação"). Terceiro (1914), resume ambas ("Agora considerando").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, explica sua tese, dizendo que nas coisas "isso", i.e., ser verdadeiro ou falso, consiste meramente em estar combinado ou estar separado. Portanto, aquele que pensa que o que está separado na realidade está separado, tem uma opinião verdadeira — por exemplo, aquele que pensa que o homem não é um asno. E o mesmo vale para aquele que pensa que o que está combinado na realidade está combinado — por exemplo, aquele que pensa que o homem é um animal. Mas, por outro lado, aquele que relaciona as coisas no pensamento de maneira diferente do que são em sua própria natureza própria tem uma opinião errônea — por exemplo, aquele que pensa que o homem é um asno, ou que ele não é um animal — porque quando uma coisa é ou não é, então se diz que é verdadeira ou falsa.

1897. Isso deve ser entendido da seguinte forma: você não é branco porque pensamos verdadeiramente que você é branco; mas, inversamente, pensamos que você é branco porque você é branco. Portanto, foi mostrado que a maneira como uma coisa está disposta é a causa da verdade tanto no pensamento quanto na fala.

1898. Ele acrescenta isso para esclarecer o que disse acima, ou seja, que nas coisas a verdade e a falsidade consistem em estar combinado e estar separado. Pois a verdade e a falsidade encontradas na fala e no pensamento devem ser atribuídas à disposição da coisa como sua causa. Ora, quando o intelecto faz uma combinação, ele recebe dois conceitos, um dos quais está relacionado ao outro como uma forma; portanto, ele toma um como estando presente no outro, porque os predicados são tomados formalmente.

Portanto, se tal operação do intelecto deve ser atribuída a uma coisa como sua causa, então nas substâncias compostas a combinação de matéria e forma, ou também a combinação de sujeito e acidente, deve servir como fundamento e causa da verdade na combinação que o intelecto faz em si mesmo e expressa em palavras. Por exemplo, quando digo: "Sócrates é um homem", a verdade desta enunciação é causada pela combinação da forma humanidade com a matéria individual por meio da qual Sócrates é este homem; e quando digo: "O homem é branco", a causa da verdade

desta enunciação é a combinação da brancura com o sujeito. É semelhante em outros casos. E o mesmo é evidente no caso da separação.

1899. **Portanto** (808).

Em segundo lugar, ele conclui do que foi dito que, se a combinação e a separação de uma coisa são a causa da verdade e da falsidade no pensamento e na fala, a diferença entre verdade e falsidade no pensamento e na fala deve ser baseada na diferença entre a combinação e a separação do que existe na realidade. Ora, na realidade, tal diferença é considerada como envolvendo combinação e separação, porque (1) algumas coisas estão sempre combinadas e é impossível que sejam separadas; por exemplo, a natureza sensitiva está sempre unida à alma racional, e é impossível que esta seja separada daquela de tal forma que a alma racional possa existir sem o poder de sensação, embora, por outro lado, uma alma sensitiva possa existir sem razão. Além disso, (2) algumas coisas estão separadas e é impossível que sejam combinadas, por exemplo, preto e branco, e a forma de um asno e a de um homem. Novamente, (3) algumas coisas estão abertas a contrários, porque podem ser combinadas e separadas, como homem e branco e também correr.

1900. No entanto, o ser no qual consiste o ato de combinar do intelecto, na medida em que há afirmação, indica uma certa composição e união; enquanto o não ser, que a negação significa, elimina a composição e a união e indica pluralidade e alteridade. Portanto, foi mostrado que, no caso das coisas que podem ser combinadas e separadas, uma mesma afirmação é às vezes verdadeira e às vezes falsa; por exemplo, a afirmação "Sócrates está sentado" é verdadeira quando ele está sentado; mas a mesma afirmação é falsa quando ele se levanta. E o mesmo vale no caso do pensamento.

Mas, com relação àquelas coisas que não podem ser diferentes do que são, i.e., aquelas que estão sempre combinadas ou separadas, é impossível que o mesmo pensamento ou afirmação seja às vezes verdadeiro e às vezes falso; mas o que é verdadeiro é sempre verdadeiro, e o que é falso é sempre falso; por exemplo, a proposição "O homem é um animal" é verdadeira, mas a proposição "O homem é um asno" é falsa.

1901. **No entanto, com relação a** (809).

Agora ele explica como a verdade e a falsidade podem estar presentes nas coisas simples; e, a respeito disso, faz três coisas. Primeiro, mostra que a verdade não está presente da mesma maneira nas coisas simples e nas compostas. Ele diz que, no caso das coisas que não são compostas, mas simples, como as substâncias imateriais, a verdade ou a falsidade não estão presentes nelas (~) como resultado de qualquer combinação ou separação que ocorra na realidade, mas (+) surgem porque sua quiddidade é conhecida ou não conhecida. Pois, quando adquirimos conhecimento da quiddidade de qualquer ser simples, o intelecto parece ser verdadeiro; e, quando falhamos em adquirir conhecimento de sua quiddidade, mas atribuímos outra coisa a ela, o intelecto é então falso.

1902. Pois não há composição nos seres simples como consequência da qual se pudesse dizer que, quando a coisa é combinada, o intelecto ao fazer uma combinação é então verdadeiro; ou que, quando aquilo que o intelecto combina é separado na realidade, o intelecto então não é

verdadeiro. Ou para expressar isso de outra forma, não há composição nas coisas simples pela qual, quando expressamos afirmativamente que é assim, sua composição é significada; e quando expressamos negativamente que não é assim, sua separação é significada; como, por exemplo, no caso das coisas compostas, quando se diz que um pedaço de madeira é branco, sua composição é significada, ou quando se diz que não é branco, ou que a diagonal não é comensurável, sua separação é significada.

1903. Assim, é evidente que a verdade e a falsidade não estão presentes nas coisas simples da mesma forma que nas compostas. Nem isso é surpreendente, uma vez que o ser também não é o mesmo em ambas; mas o ser das coisas compostas resulta de seus componentes, enquanto o das coisas simples não. Ora, a verdade segue o ser, porque, como foi dito no Livro II (298) desta obra, a estrutura das coisas no ser e na verdade é a mesma.

Por isso, aquelas coisas que não são semelhantes no ser não são semelhantes na verdade.

1904. **Mas a verdade** (810).

Em segundo lugar, ele mostra como a verdade e a falsidade estão presentes nas coisas simples. Ele diz que, no caso das coisas simples, a verdade e a falsidade são tais como será explicado; pois entrar em contato com uma coisa simples através do intelecto, de modo a apreender o que ela é "e expressá-la", isto é, significar esta coisa simples por uma palavra, constitui a verdade presente nas coisas simples. E, como às vezes a palavra "expressar" é tomada por predicação afirmativa, que envolve composição, ele rejeita esta interpretação. Ele diz que afirmação e expressão não são a mesma coisa, porque a afirmação ocorre quando uma coisa é predicada de outra, e isso implica combinação, enquanto a expressão é a enunciação simples de algo.

1905. Portanto, entrar em contato com as coisas simples através do intelecto e expressá-las constitui verdade; mas não entrar em contato com elas é não conhecê-las de modo algum. Pois quem não apreende a quiddidade de uma coisa simples é completamente ignorante dela; porque não se pode tanto conhecer quanto não conhecer algo sobre ela, já que ela não é composta.

1906. Além disso, já que ele dissera que entrar em contato com as coisas simples é expressar sua verdade, pareceria que não entrar em contato com elas é ($\sim$) ser falso ou estar em erro. No entanto, ele não disse isso, mas disse que não entrar em contato com elas é (+) não conhecê-las.

Daí ele dá a razão pela qual não entrar em contato com elas não é estar em erro sobre elas, dizendo que é possível estar em erro sobre sua quiddidade apenas acidentalmente; e isso deve ser entendido como se segue.

1907. Foi dito acima no Livro VII (1362) e no Livro VIII (1710) que, no caso das substâncias simples, a própria coisa e sua quiddidade são uma e a mesma. Portanto, já que uma substância simples é sua própria quiddidade, o juízo sobre o conhecimento de uma substância simples e o juízo sobre o conhecimento de sua quiddidade são um e o mesmo. Mas o intelecto é enganado sobre uma quiddidade apenas acidentalmente; pois ou uma pessoa entra em contato com a quiddidade de uma coisa através de seu intelecto, e então conhece verdadeiramente o que essa coisa é; ou não entra em contato com ela, e então não sabe o que ela é. Portanto, com relação a tal coisa, o intelecto não é nem verdadeiro nem falso. É por isso que Aristóteles diz no Livro III de *Da Alma* que, assim

como um sentido é sempre verdadeiro com relação ao seu objeto próprio, de modo semelhante o intelecto é sempre verdadeiro com relação ao seu objeto próprio — a quiddidade.

E o fato de o intelecto não ser enganado sobre a quiddidade de uma coisa se aplica não apenas no caso das substâncias simples, mas também no das compostas.

1908. Ora, é necessário considerar como se pode ser acidentalmente enganado sobre uma quiddidade. Pois uma pessoa é enganada sobre uma quiddidade apenas como resultado de combinar ou separar; e com relação às substâncias compostas, isso pode ocorrer de duas maneiras. (1) Primeiro, pode ocorrer combinando uma definição com algo definido ou separando-as; por exemplo, se alguém dissesse que um asno é um animal racional mortal, ou que um homem não é um animal racional mortal, ambos seriam falsos. (2) Segundo, na medida em que uma definição é composta de partes que são incompatíveis entre si; por exemplo, se alguém desse esta definição — homem é um animal não sensível. Assim, uma definição é dita falsa da primeira maneira porque não é a definição desta coisa; e da segunda maneira é dita falsa em si mesma, como o Filósofo nos instruiu acima no Livro V (1132).

1909. Ora, podemos ser enganados acidentalmente sobre a quiddidade das substâncias simples apenas da primeira maneira; pois sua quiddidade não é composta de muitas partes na combinação e separação das quais a falsidade pode surgir.

1910. **E elas são** (810).

Ele adapta suas observações sobre substâncias simples à sua tese principal, na qual mostra que a verdade envolve atualidade em vez de potência. De fato, ele já havia mostrado que isso é verdadeiro no caso das substâncias compostas, na medida em que sua verdade incorpora combinação e separação, que designam atualidade. Mas ele mostra que isso é verdadeiro no caso das substâncias simples pelo fato de que elas não contêm falsidade, mas apenas verdade. E, por essa razão, não são potenciais, mas atuais.

1911. Ele diz, portanto, que todas as substâncias simples são seres atuais e nunca potenciais; pois, se fossem ora atuais e ora potenciais, seriam geradas e corrompidas. Mas isso não pode ocorrer, como foi mostrado acima (1715), pois substâncias desse tipo são apenas formas e, por essa razão, são também seres por si mesmas. Ora, o que existe por si mesmo não é gerado nem corrompido, pois tudo o que é gerado é gerado a partir de algo.

Mas o ser em sentido absoluto não pode ser gerado a partir de nada; pois não há nada além do ser, exceto além de algum ser particular, assim como há algum ser além do homem. Logo, esse ser pode ser gerado em sentido qualificado, mas o ser em sentido absoluto não pode.

Portanto, o que é um ser por si mesmo, por ser uma forma, da qual o ser naturalmente decorre, não pode ser gerado; e, por essa razão, não é ora potencial e ora atual.

1912. Assim, uma vez que a verdade consiste principalmente na atualidade, não é adequado que haja erro ou falsidade em todas aquelas coisas que são apenas atuais e são o que algo verdadeiramente é, já que são quiddidades ou formas; mas elas devem ser ou compreendidas, se forem apreendidas pelo intelecto, ou não compreendidas de modo algum, se não forem

apreendidas pelo intelecto.

1913. Mas, embora seja impossível ser enganado acerca dessas coisas quanto à sua essência, isso é, no entanto, possível quando "perguntamos o que elas são", isto é, se elas são de tal e tal natureza ou não. Logo, é possível ser enganado acerca delas acidentalmente, como alguém poderia perguntar se uma substância simples é fogo ou uma substância corpórea ou não, porque, se for considerada uma substância corpórea, haverá falsidade acidentalmente como resultado da combinação.

1914. **Agora considerando** (812).

Ele resume as afirmações que fez sobre verdade e falsidade tanto com referência às coisas compostas quanto às simples. Ele diz que este ser, que significa verdade, e o não-ser, que significa falsidade (porque quem diz que um homem é branco significa que isso é verdadeiro; e quem diz que um homem não é branco significa que isso é falso), ser e não-ser nesse sentido, digo, são usados (1) de um modo no caso da composição das coisas. Isto é, há verdade se o que o intelecto combina está combinado na realidade, mas há falsidade se o que o intelecto combina quando compreende ou forma uma proposição não está combinado na realidade.

1915. (2) E a verdade existe de um modo diferente no caso das coisas simples, se o que é verdadeiramente um ser", i.e., a quiddidade ou substância de uma coisa simples, é como é compreendido ser; mas, se não é como é compreendido ser, nenhuma verdade existe no intelecto. Assim, a verdade consiste em compreender essas coisas; mas acerca delas não há nem falsidade nem erro no intelecto, como foi explicado (1912), mas ignorância; pois, se alguém não apreende a quiddidade de uma coisa, não conhece essa coisa de modo algum. No caso das coisas compostas, no entanto, pode-se conhecer uma de suas propriedades e ser enganado sobre as outras.

1916. Além disso, ele mostra que tipo de ignorância é esta quando diz que essa ignorância não é "uma privação como a cegueira", que é a privação da capacidade de ver. Logo, essa ignorância seria semelhante à cegueira se alguém não tivesse o poder intelectual de adquirir conhecimento das substâncias simples.

E disso é evidente que, segundo a opinião de Aristóteles, o intelecto humano pode adquirir uma compreensão das substâncias simples. Este é um ponto que ele parece ter deixado sem solução em *Da Alma*, Livro III:3.

1917. **E acerca** (813).

Aqui ele introduz um corolário. Diz que é evidente pelo que foi dito que não há erro acerca de coisas imóveis quanto ao tempo. Mas, no caso de coisas contingentes, que nem sempre são assim, é possível errar acerca delas quanto ao tempo; por exemplo, se Sócrates vai se sentar e alguém julgasse que isso é assim, poderia ser enganado na medida em que julgasse que Sócrates vai se sentar quando não vai. O mesmo ocorreria se alguém pensasse que um eclipse ocorrerá quando não ocorrerá. Mas, no caso das coisas imóveis e daquelas que sempre são, o acima só pode ocorrer de um modo, i.e., se alguém pensasse que essas coisas são móveis e que nem sempre existem; pois então está em erro acerca delas, mas não estaria em erro quanto ao tempo. Logo, ele diz que, se alguém pensa que elas são imóveis, não será enganado acerca delas quanto ao tempo.

1918. Ele diz isso, então, porque, se alguém supõe que elas são imóveis, não pensará que elas ora são e ora não são e, assim, não é enganado acerca delas quanto ao tempo. Por exemplo, se alguém pensa que um triângulo é imutável, não terá a opinião de que a soma de seus ângulos às vezes será igual a dois ângulos retos e às vezes não, pois então seria tanto mutável quanto imutável.

1919. Mas, no caso das coisas imóveis, é possível considerar sob um aspecto comum uma coisa que tem tal e tal propriedade e outra que não tem; por exemplo, é possível compreender que, sob o triângulo, alguns triângulos são equiláteros e outros não. E é possível perguntar se nenhum número par é primo, ou se alguns são e outros não — sendo número primo aquele que apenas a unidade mede. Logo, entre os números pares, apenas o número dois é um número primo, mas nenhum dos outros.

E quanto ao que é numericamente uno, no caso das coisas imóveis é impossível errar ou ser enganado mesmo nisto [tomar uma coisa que tem e outra que não tem certa propriedade]. Pois, no caso de algo numericamente uno, é impossível que alguém pense que um indivíduo pode ser assim e outro não; pois o que é numericamente uno não se divide em muitos. Portanto, ele terá que dizer o que é verdadeiro ou falso em sentido absoluto, já que o que é numericamente uno sempre existe da mesma maneira e é incapaz de ser diversificado seja no tempo ou nos sujeitos. Disto fica claro que a verdade tem a ver com a atualidade; pois as coisas imóveis como tais são sempre atuais.

Resumo

Acidente:	— Operação — Hábito — Faculdade	
Substância:	— Existência	
	— Essência	— Forma — Matéria